



**UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA**

**CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO**

MESTRADO EM EDUCAÇÃO

DAMARLI GUARNIERI

**O PROFESSOR REFLEXIVO E A EDUCAÇÃO
DEMOCRÁTICA**

ORIENTADOR: PROF. DR. DARCÍSIO NATAL MURARO

Londrina, PR



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA

CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

MESTRADO EM EDUCAÇÃO



Londrina. PR
2020

DAMARLI GUARNIERI

**O PROFESSOR REFLEXIVO E A EDUCAÇÃO
DEMOCRÁTICA**

**Dissertação apresentada ao
Programa de Mestrado em Educação
da Universidade Estadual de
Londrina, como requisito para a
obtenção do título de Mestre.**

**Orientador:
Prof. Dr. Darcísio Natal Muraro**

**Londrina – Paraná
2019**

DAMARLI GUARNIEIRI

O PROFESSOR REFLEXIVO E A EDUCAÇÃO DEMOCRÁTICA

Dissertação apresentada ao
Programa de Mestrado em Educação
da Universidade Estadual de
Londrina, como requisito para a
obtenção do título de Mestre.

Comissão examinadora:

Prof. Dr. Darcísio Natal Muraro (Orientador)
UEL – Londrina - PR

Profa. Dr^a. Edna Maria Magalhães do Nascimento
UEL – Londrina - PR

Prof. Dr^a. Leoni Maria Padilha Henning
UEL – Londrina - PR

Londrina, 20 de fevereiro de 2019.

Dedicatória

A Deus

Meu criador que com seu infinito amor me conduziu em todos os momentos, felizes e difíceis, pelos quais passei nessa caminhada, me dando forças para vencer e concluir mais essa etapa da vida.

A Áureo Jorge, Catarina, Augusto, Arthur e Dante

Esposo, companheiro de todos os momentos e meus filhos amados. Pelas inúmeras vezes que deixei de estar presente em momentos especiais; e vocês, quando tinham todo o direito de se magoarem, mostravam compreensão e retribuíam com amor. Obrigada pelos abraços fora de hora, beijos em minha cabeça enquanto eu fitava os livros. Pelo carinho demonstrado em café, silêncio e ouvidos. Eles foram revigorantes e com certeza, a sustentação para que eu pudesse chegar até este momento. Amo vocês.

Aos meus pais

Pelos exemplos de coragem, honestidade, perseverança e de extremo amor.

Agradecimentos

Ao Professor Dr. Darcísio Natal Muraro

Agradeço de todo coração por, primeiramente, ter me aceitado como sua orientanda e por toda paciência, disponibilidade, respeito, diálogos e ensinamentos sem os quais essa pesquisa não seria possível.

As professoras da minha banca de Mestrado

Professora Leoni Maria Padilha Henning e professora Edna Maria Magalhães do Nascimento, por aceitarem o convite de participarem da avaliação deste trabalho oferecendo importantes contribuições teóricas à nossa pesquisa.

Aos professores do Mestrado

Que com muita responsabilidade e dedicação ao trabalho prepararam suas aulas preocupados em formar pesquisadores conscientes de seu papel social.

A Prof^a Dr^a Maria Piai

Pelo incentivo para ingressar no programa de mestrado PPEdu, ela sua inestimável amizade e inesgotável energia, que me entusiasmou e me ensinou a perseverar durante toda pesquisa.

Aos irmãos, demais familiares e amigos

Pelas orações, palavras de apoio, críticas, ensino, companheirismo, paciência, enfim, pela amizade. Em especial ao querido Gustavo Tudisco Favaretto que com muito carinho, prontamente, cuidou do abstract da nossa pesquisa.

Aos colegas do mestrado

Pela honra de ter compartilhado momentos tão intensos de alegrias, frustrações e sucessos. Principalmente à minha companheira de orientação Patrícia Melo Magoga pelas ligações e conversas que foram alavancas em momentos de ansiedade.

GUARNIERI, Damarli. **O professor reflexivo e a educação democrática**. 2019. f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR, 2019.

RESUMO

Na convivência diária no ambiente escolar observamos que a democracia é um desejo comum a todos os professores. Percebemos que esse desejo está fortemente presente no discurso muito mais do que na ação, o que nos leva a indagar sobre as possíveis causas desse dualismo. Encontramos na filosofia de John Dewey uma base conceitual importante para pensar a relação entre democracia e educação. Esse autor é mundialmente reconhecido como um defensor da democracia entendida como um modo digno de vida humana. Considerando a possibilidade de pensar os problemas atuais de nossa democracia e da nossa educação à luz desta fonte teórica, definimos a seguinte pergunta como problema de pesquisa: como se relaciona a concepção de pensamento reflexivo com a prática docente numa educação em e para a democracia na perspectiva de John Dewey? Determinamos como nosso objetivo geral, pesquisar o conceito de pensamento reflexivo na filosofia de Dewey para compreender como a condução, pelo docente, da experiência de aprendizagem pode formar hábitos de vida democrática. Para alcançar esse objetivo utilizamos como metodologia a pesquisa bibliográfica, que nos levou ao estudo dos conceitos de pensamento reflexivo, experiência e democracia à luz da filosofia da educação deweyana. A metodologia pretende ser um estudo na área de filosofia da educação, na busca de pensar a atividade pedagógica intencionalizada no âmbito escolar. A proposta é pensar a escola como um ambiente da vida social, como um espaço para o exercício do pensamento reflexivo e da democracia, integrando igualmente alunos oriundos de diversos contextos sociais. Por meio da experiência pensada e proporcionada pelo professor, o estudante interage com o meio, reflete sobre suas ações e constrói seu conhecimento. Consideramos que uma das grandes dificuldades que enfrentamos no campo educacional neste contexto é a emergência de grupos conservadores que se opõem a reflexividade crítica na educação como é o caso da proposta denominada “Escola sem Partido”. Pensar reflexivamente se apresenta como uma tarefa urgente da qual os professores e a escola não podem se eximir. Ante aos acontecimentos que assolam nosso país, em mais um momento histórico de enfraquecimento das estruturas democráticas sentimos a necessidade de fortalecer os estudos sobre democracia por meio da prática de questionamento, reflexão e diálogo, exigências da própria democracia.

Palavras-chave: Pensamento reflexivo. Experiência. Democracia. Professores reflexivos.

GUARNIERI, Damarli. The reflective teacher and democratic education. 2019. f. Thesis (Master's Degree in Education) – State University of Londrina, Londrina, PR, 2019.

ABSTRACT

On a day-to-day basis in the school environment, it has been observed that, for all teachers, democracy is a common desire. This desire was identified as strongly present in the discourse although it was not strong in practice. This observation led to questions about the possible causes of this dualism. John Dewey's philosophy was an important conceptual support to reflect on the relation between democracy and education. This author is internationally recognized as a defender of democracy understood as a dignified manner of human life. Considering the possibility of thinking on our democracy and education's current issues in the light of this theoretical background, the following inquiry was defined as a research problem: how can the concept of reflective thinking be linked to the teaching practice in education, in a way that it promotes the democracy, as conceived by John Dewey's perspective? Researching the concept of reflective thinking in Dewey's philosophy was established as the thesis' general purpose, so that it is possible to understand how the teacher can mold democratic life habits through transmitting learning experience. To achieve this purpose, bibliographical research was used as the supporting methodology. This investigation led to the study of the concepts of reflective thinking, experience and democracy in the light of the Deweyan philosophy of education. The methodology aims to be a study on the area of philosophy of education, in the search of reflecting on pedagogical activity focused on the school setting. The proposal is to consider school as an environment of social life, a place to exercise reflective thinking and democracy, equally integrating pupils from diverse social contexts. Through the experience planned and provided by their teacher, the students interact with their social surroundings, think on their actions and build their knowledge. One of the greatest difficulties considered in the current school setting is the growing support to conservative groups that oppose the reflective thinking in education, such as "Escola sem Partido" (Schools Without Parties) movement. Then, thinking reflectively arises like an urgent task for the teachers and schools, a task that they must face. In front of the current issues that affect our country, once again our democratic structures are being weakened, and it is necessary to strengthen the democracy studies through questioning, reflecting and debating, which are demands of democracy itself.

Keywords: Reflective thinking. Experience. Democracy. Reflective teachers.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I	21
O PENSAMENTO REFLEXIVO E A DEMOCRACIA	21
1.1. DIFERENTES TIPOS DE PENSAMENTO	23
1.2. O PAPEL DA REFLEXÃO PARA COMBATER AS FALSAS CRENÇAS.....	25
1.3. O PENSAR REFLEXIVO	30
1.4. FASES DO PENSAMENTO REFLEXIVO	32
1.5. PENSAMENTO REFLEXIVO E LIBERDADE	36
1.6. O HÁBITO DE PENSAR REFLEXIVAMENTE	38
1.7. PENSAMENTO REFLEXIVO E ÉTICO	41
1.8. PENSAMENTO REFLEXIVO POLÍTICO E DEMOCRÁTICO	42
1.9. PENSAMENTO REFLEXIVO E FORMAÇÃO DE DOCENTE	48
CAPÍTULO II	52
A DEMOCRACIA E A EXPERIÊNCIA NO PROCESSO EDUCATIVO	52
2.1 EXPERIÊNCIAS QUE INFLUENCIARAM JOHN DEWEY.	53
2.2 EXPERIÊNCIA EM DEWEY.....	56
2.3 PENSAR EXPERIMENTALMENTE	60
2.4 AMBIENTE ESCOLAR E ESPAÇO DEMOCRÁTICO	62
2.5 A EXPERIÊNCIA DA DEMOCRACIA NA ESCOLA.	66
2.6 A INEXPERIÊNCIA DA VIDA DEMOCRÁTICA	68
CAPÍTULO III	73
PROFESSORES REFLEXIVOS E O ENSINO DEMOCRÁTICO	73
3.1 DIFICULDADES ENCONTRADAS PARA A AÇÃO	74
3.2 A FORMAÇÃO DE PROFESSORES E A PROMOÇÃO DA EXPERIÊNCIA DE UM AMBIENTE DEMOCRÁTICO	77
3.3 PROFESSOR REFLEXIVO E CONSCIÊNCIA POLÍTICA	79
3.4 A POSTURA REFLEXIVA DE PROFESSORES PESQUISADORES	82
3.5 ESCOLA REFLEXIVA E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL	86

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	89
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	94

INTRODUÇÃO

A experiência de trabalho de mais de 20 anos em escolas públicas, fez perceber, a partir do convívio com colegas professores de diferentes áreas, que a democracia é um desejo manifestado por todos. Entretanto, essa crença na democracia está muito mais presente nos discursos que nas ações docente.

Observamos, por meio da análise dessa vivência escolar cotidiana, que nos falta a experiência da vida democrática. Nesse contexto, surgiu, então, uma certa inquietação e alguns questionamentos acerca dessa inexperiência, dúvidas que nos moveram a estudar o pensamento reflexivo e a experiência da democracia na escola.

Alguns dos fatores que nos ajudaram a pensar e planejar a nossa pesquisa, são: professores reflexivos que conseguem mudar suas práticas a fim de melhorá-las e, desse modo, planejar sua ação futura; professores que sejam capazes de proporcionar uma educação de qualidade num ambiente democrático; a necessidade de professores reflexivos para garantir uma educação democrática; a importância da prática reflexiva no ensino e aprendizagem dos conteúdos; a possibilidade de proporcionar aos professores, por meio da sua formação, o desenvolvimento do hábito do pensamento crítico e reflexivo.

Tais inquietações nos direcionaram para a busca de possíveis soluções que nos conduzissem para uma prática docente reflexiva, pois quando se trata de ensino, nós professores, precisamos ter responsabilidade e eticidade com nosso trabalho, pois lidamos com vidas em construção.

Sendo assim, é na escola que acontece a formação intelectual do sujeito e, é esse sujeito que será agente ativo no seu meio social e que poderá contribuir ou não para a evolução dessa mesma sociedade. A vida da sociedade depende da educação, como afirma Dewey: já que a “[...] vida social se perpetua por intermédio da educação.” (DEWEY, 1980, p. 117).

Levando em conta a importância da interação do indivíduo com o meio e sua participação orgânica na constituição da sociedade, é relevante que o professor tenha consciência de sua prática como prática política, como prática de permanente informação e comunicação. Educação é comunicação como ressaltou Dewey, o que torna possível direcionar os estudantes para a participação plena na vida social, “[...]”

toda relação social que seja realmente vivida e participada é educativa para os que dela partilham”. (DEWEY, 1980, p. 118).

Como a educação não é um trabalho somente para o presente, mas com consequências no futuro, isso requer que ela própria também se torne uma prática reflexiva se refazendo e se reformulando num constante planejar. Segundo Dewey a educação “[...] é uma reconstrução ou reorganização da experiência, que esclarece e aumenta o sentido desta e também a nossa aptidão para dirigirmos o curso das experiências subsequentes” (DEWEY, 1979b, p. 83).

A capacidade humana de pensar reflexivamente tem destaque na filosofia deweyana. É essa capacidade que nos distingue dos demais animais. Para esse autor, o pensamento reflexivo faz parte da construção de sua proposta educacional, conforme Cunha, “[...] o pensamento reflexivo tem uma função instrumental, isto é, que ele se origina no confronto com situações problemáticas e que sua finalidade é prover o homem de formas mais adequadas de comportamento para enfrentar estas situações.” (CUNHA, 2011, p. 35).

Compreendemos de que o pensamento pode seguir caminhos que levam a erros e enganos. Dewey (1979) afirmar a necessidade de uma orientação educacional cuidadosa e atenta. Logo, o papel do professor na formação dos seus alunos é de grande responsabilidade, uma vez que ele está inserido e é agente ativo nesse processo, portanto, para o êxito do sistema educacional é necessário que o professor seja reflexivo, pois “[...] a reflexão se origina em situações em que o ato de pensar é parte no curso dos acontecimentos e se destina a influir no resultado destes” (DEWEY, 1979b, p. 161).

Para esse filósofo, as situações experienciadas representam a complexa interação e continuidade que se dá em um meio social e que compõem o ambiente educativo. Quando o indivíduo interage com o meio, este fornece as condições necessárias para o seu desenvolvimento, no sentido de realizar atividades próprias ao grupo em que está inserido. O ser humano nasce imaturo e por meio do convívio social encontra as possibilidades de realização de suas potencialidades.

Dewey (1979) entende que há uma unicidade entre o homem e a natureza e que, nesse sentido, a natureza e a experiência convivem harmoniosamente. “Como podemos perceber, a natureza inclui em seu seio o homem em todas as suas fases de desenvolvimento.” (AMARAL, 2007, p. 49). A reflexão sobre a experiência é o

método pelo qual é possível conhecer o mundo natural, desvendar seus segredos, compreendê-lo e evoluir.

O princípio de continuidade na obra de Dewey, garante a integração teórica do seu trabalho com a realidade. O autor defende insistentemente tal princípio “[...] como aquele ‘instrumento’ capaz de superar as dificuldades inerentes aos dualismos que povoaram e ainda povoam a filosofia sob diferentes e variadas formas como: homem-natureza, sobrenatural-natural, espírito-matéria, mente-corpo, eu-não eu etc.” (AMARAL, 2007, p. 25). Tais dualismos filosóficos acabam causando divisões de ordem social.

Podemos reafirmar que, Dewey entende o princípio de continuidade como sendo o instrumento capaz de superar os obstáculos formados pelos dualismos “O verdadeiro apoio de todas essas separações encontra-se, segundo Dewey, no isolamento admitido pela filosofia clássica entre o eu e o mundo, entre conhecimento e ação, entre teoria e prática.” (AMARAL, 2007, p. 25).

Dewey é um crítico da filosofia tradicional por essa negar sistematicamente o caráter experimental da inteligência e suas concepções. A inteligência na concepção deweyana é crescer e sua conservação requer um processo constante de experimentação, reflexão e reajustamento:

Quando Kant ensinava que algumas concepções, por sinal as importantes, são *a priori*, que elas não emanam da experiência e não podem ser verificadas ou atestadas na experiência, que sem uma injeção dessas verdades antecipadas na experiência, esta será anárquica e caótica, ele ao mesmo tempo estava alimentando o espírito do absolutismo. (DEWEY, 1958, p. 110-111).

A escola é um ambiente social, porém planejado e com alguns objetivos traçados, fazendo com que a educação institucionalizada crie e desenvolva condições mais adequadas para o crescimento humano. “O critério do valor da educação escolar está na extensão em que ela suscita o desejo de desenvolvimento contínuo e proporciona meios para esse desejo.” (DEWEY, 1979b, p. 57).

A relevância dessa discussão para nossa pesquisa justifica-se pela necessidade de fortalecer cada vez mais a postura democrática. “Dewey não se cansou de pregar através de sua vasta obra que a chave de uma vida significativa é o progresso; que os inimigos da vida são a inflexibilidade e a cega resistência às transformações.” (AMARAL, 2007, p. 25).

Diante dos acontecimentos que assolam nosso país, nesse momento histórico de enfraquecimento das bases democráticas e fortalecimentos de atitudes conservadoras, de vários tipos de preconceitos, intolerância, censura das artes e de manutenção de privilégios, a cultura do hábito de pensar reflexivamente é primordial na vida social, como uma ferramenta importante para resolver os conflitos que permitem a continuidade da sociedade.

Tais acontecimentos presentes no cenário nacional colocam questionamentos para a educação na efetividade da sua função social. A escola como o ambiente onde essa função acontece de forma sistematizada e democrática, priorizar e desenvolver o pensamento reflexivo e sua dimensão experiencial é inadiável.

O filósofo John Dewey concebia a inteligência humana como o único instrumento capaz de conduzir a vida social, ligando o indivíduo ao todo. Seu amor pela democracia e seu entendimento de que ela é o único modo de vida digno fez dele um defensor dos direitos humanos e de reformas sociais que garantissem melhores condições de vida. Como ressalta Nascimento:

Também podemos denominá-lo de esteta e homem preocupado com as reformas sociais, com a melhoria das condições de vida e com o forte compromisso a favor dos direitos humanos. Mesmo diante das múltiplas atividades teóricas e acadêmicas em que Dewey se comprometia isto não o impedia de ter uma engajada atividade pública, sempre tomando posição a respeito dos acontecimentos históricos do seu tempo. (NASCIMENTO, 2017, p. 29).

Os conceitos de pensamento reflexivo e experiência discutidos neste trabalho têm, pois, sua fundamentação teórica na filosofia pragmática de John Dewey (1859-1952), um dos precursores da tendência progressista de educação que influenciou o modelo educacional brasileiro, por meio de um dos seus principais divulgadores, Anísio Teixeira (1900-1971)¹.

Partindo da leitura de textos desse autor, nos quais ele discute a gênese do pensamento reflexivo, a importância da experiência no processo de aprendizagem e na educação para a democracia, percebemos que é fundamental o papel do professor reflexivo na construção de uma sociedade democrática.

¹ Anísio Teixeira, “por sua projeção histórica até os dias atuais, é considerado o maior educador brasileiro participante do movimento renovador da educação nacional. No movimento Escolanovista participou do grupo que recebeu influência direta de Dewey, de quem foi discípulo na Universidade de Columbia, em 1929 e cuja orientação básica era a vinculação do processo educacional à formação democrática dos cidadãos.” (CUNHA, 1986, p. 89):

Definimos a seguinte pergunta como problema de pesquisa: como se relaciona a concepção de pensamento reflexivo com a prática docente numa educação em e para a democracia na perspectiva de John Dewey?

Para buscar uma possível resposta a essa pergunta, determinamos como objetivo geral: pesquisar o conceito de pensamento reflexivo na filosofia de Dewey para compreender como a condução pelo docente da experiência de aprendizagem pode formar hábitos de vida democrática.

Visando a organização metodológica da nossa escrita e para executar adequadamente nosso trabalho, dividimos nossa pesquisa em três objetivos específicos, cada um correspondendo a um capítulo, consistindo em: analisar o conceito de pensamento reflexivo na abordagem dos conteúdos tendo em vista compreender sua função social; analisar o conceito de democracia para pensar como conduzir o processo da experiência reflexiva tendo em vista a formação de alunos sensíveis e críticos aos problemas sociais; analisar a especificidade do papel do professor reflexivo à luz da filosofia deweyana diante das abordagens de professor reflexivo.

Para concretizar o ideal democrático da sociedade, o autor recorreu à educação como um fenômeno importante, uma vez que compete a ela desenvolver as capacidades humanas. Para ele, o ser humano é um ser social, estando na natureza humana a necessidade de viver coletivamente. A ligação entre o indivíduo e a coletividade, segundo Dewey, é a inteligência humana, pois ela é “[...]o único instrumento que graças às suas características estruturais, é capaz de captar com perfeição essa onda verdadeiramente social que parece permear o céu do universo deweyano.” (AMARAL, 2007, p. 78).

Dewey foi um dos maiores defensores da democracia, considerando ser um modo digno de vida humana. A construção desta experiência de dignidade compete à educação. Para desenvolver esta educação, o professor é visto como o membro mais experiente da sociedade e, portanto, pensar na formação desse profissional também se faz necessário.

A ele compete não somente pensar reflexivamente o processo pedagógico intraescolar, mas também o extraescolar, como a dimensão social e política da função da escola, já que “Na realidade, o professor é o líder intelectual de um grupo social [...]” (DEWEY, 1979a, p. 269).

Para alcançar nosso objetivo, utilizamos como metodologia a pesquisa conceitual bibliográfica, por meio da qual foram estudados os conceitos de pensamento reflexivo, experiência e democracia à luz da filosofia da educação deweyana.

Entendendo que os fundamentos teóricos produzidos no âmbito da filosofia sempre estiveram ligados à educação, nossa pesquisa atenta para a importância da ligação da visão filosófica com a intenção pedagógica.

Tendo em vista a importância da formação filosófica do professor reflexivo e a necessidade de termos profissionais flexíveis, preocupados com a prática e sabendo que as construções teóricas da filosofia contribuem para a compreensão humana de mundo, assim como para o progresso e uma vida digna, escolhemos para nossa base teórica as obras do filósofo pragmatista John Dewey: *Como pensamos*, (1979a), *Democracia e Educação: introdução à filosofia da educação* (1979b), *Experiência e Educação* (1971) e *A Filosofia em Reconstrução* (1958).

Precedida a seleção dos textos principais, iniciamos as leituras seguida de fichamentos, sínteses e análise dos conceitos filosóficos relacionados ao problema que move o nosso trabalho. Com o avançar da pesquisa, sentimos a necessidade da leitura de textos escritos por comentadores do trabalho de Dewey, além de dissertações e artigos que contemplam os estudos do filósofo.

Durante a nossa pesquisa, percebemos que outro autor poderia contribuir com nosso trabalho: o educador Paulo Freire². Dessa forma, recorreremos às suas obras no primeiro capítulo e, mais fortemente, no terceiro. O que nos chamou a atenção em seus textos é que, assim como Dewey, Freire vê a educação como a possibilidade de libertar os que dela participam, além de defender a luta pela democracia. “A educação progressista defendida por ambos os autores, contrapondo-se à educação tradicional ou educação bancária, deve ser radicalmente democrática: dialógica,

² Paulo Reglus Neves Freire nascido em Recife em 19 de setembro de 1921 e falecido em São Paulo no dia 2 de maio de 1997. Foi um educador e filósofo brasileiro considerado um dos pensadores mais notáveis na história da pedagogia mundial, tendo influenciado o movimento chamado pedagogia crítica. Recebeu o título de Patrono da Educação Brasileira oficialmente em 16 de abril de 2012. Por meio da Lei 12.612/2012, sancionada no dia 13 do mesmo mês e ano, pela presidente Dilma Rousseff. Foi uma homenagem originalmente proposta pela deputada federal Luiza Erundina. Sua prática didática fundamentava-se na crença de que o educando assimilaria o objeto de estudo fazendo uso de uma prática dialética com a realidade. Destacou-se por seu trabalho na área da educação popular voltada tanto para a escolarização como para a formação da consciência política. Freire foi secretário da educação do município de São Paulo no período de 1989 a 1991, durante a gestão da prefeita Luiza Erundina.

problematizadora e transformadora da realidade histórica e social.” (MURARO, 2012, p. 205)

As obras de Dewey influenciaram a educação em várias partes do mundo. No Brasil, temos como discípulo de Dewey, Anísio Teixeira, um grande defensor e divulgador do trabalho desse filósofo e educador.

Entendemos que Paulo Freire teve influência da filosofia da educação deweyana direta e indiretamente³. Diretamente porque como grande estudioso que era e vivendo um período do seu exílio nos Estados Unidos tomou conhecimento dos escritos de Dewey. Já indiretamente por ser grande admirador de Teixeira, citando seu trabalho em seus escritos. Sendo assim, esta “[...] relação, ao nosso ver está marcada pela forte convicção e crença no poder da educação e da democracia; crença esta em que a concepção de mundo é marcada pela necessidade da emancipação dos sujeitos sociais por meio da educação”. (NASCIMENTO, 2017, p. 215). Percebemos que os dois autores se preocuparam com problemas semelhantes, principalmente com a divisão da sociedade em classes sociais (opressores e oprimidos) e que a alternativa para superar as divisões sociais de classe passa pela educação.

Como dito anteriormente, nossa pesquisa foi organizada em três capítulos, sendo que cada um deles trata dos objetivos específicos também já apresentados e que nos ajudaram a construir a trajetória desse trabalho.

No primeiro capítulo, analisamos o conceito de pensamento reflexivo na abordagem dos conteúdos, tendo em vista compreender sua função social. O pensamento reflexivo é, para Dewey, o instrumento que nos emancipa da ação impulsiva e nos conduz para a ação planejada. “*A função do pensamento reflexivo é, por conseguinte, transformar uma situação de obscuridade, dúvida, conflito, distúrbio de algum gênero, numa situação clara, coerente, assentada, harmoniosa.*” (DEWEY, 1979a, p. 105-106, *itálicos do autor*).

Abordamos as fases do pensar reflexivo, que são: situação problema ou perplexidade seguida da sugestão, intelectualização, hipótese ou ideia-guia,

³ “Quando descrevemos o pensamento educacional de Paulo Freire é possível encontrá-lo dizendo muitas coisas que lembram Dewey. Na verdade, ele estudou Dewey, tanto pela influência de Anísio Teixeira e Lourenço Filho quanto por ter atuado nos Estados Unidos em programa de pós-graduação na Universidade de Harvard (EUA), em 1969, quando se encontrava no exílio. Entretanto, nos estudos sobre a vida de Freire são quase inexistentes as referências ao pragmatismo de Dewey.” (Nascimento, 2017, p. 217).

raciocínio e verificação da hipótese pela ação. Também discutimos sobre a importância da educação para a formação do hábito de pensar reflexivamente com a finalidade de estabelecer a continuidade da experiência. Como afirma o autor: “A reflexão subentende também interesse pelo desenlace - uma certa identificação simpática de nosso próprio destino, pelo menos imaginativamente, com o resultado do curso dos acontecimentos.” (DEWEY, 1979b, p. 161)

Este capítulo tem como título, *Pensamento Reflexivo e a Democracia*, subdividido em nove subtítulos: (1) Diferentes tipos de pensamento; (2) O papel da reflexão para combater as falsas crenças; (3) O pensar reflexivo; (4) Fases do pensamento reflexivo; (5) Pensamento reflexivo e liberdade; (6) O hábito de pensar reflexivamente; (7) Pensamento reflexivo e ético; (8) A Escola e o Pensamento Reflexivo e (9) Pensamento Reflexivo e formação docente. Nesta primeira parte da nossa escrita percebemos que, mesmo que modestamente, além de Dewey e seus comentadores, também poderíamos citar o educador Paulo Freire.

No segundo capítulo, analisamos o conceito de democracia para pensar como conduzir o processo da experiência reflexiva, tendo em vista a formação de alunos sensíveis e críticos aos problemas sociais.

O título desse capítulo é: *A Democracia e Experiência no Processo Educativo*, e está subdividido em seis partes: (1) Experiências que influenciaram John Dewey; (2) Experiência em Dewey; (3) Pensar experimentalmente; (4) Ambiente escolar espaço democrático; (5) A experiência da democracia na escola e (6) A inexperiência da vida democrática.

O conceito deweyano de democracia, ou, melhor dizendo, seu amor pela democracia como única forma digna de vida humana, passa por um processo de construção que envolve o filósofo em experiências democráticas cotidianas: as quais aconteceram na família, na igreja, na escola, na universidade, enquanto aluno e, mais tarde, como professor.

Com relação as influências teóricas sofridas por Dewey, podemos pensar em uma linha do tempo simplificada. Começando por sua formação ainda criança em uma escola tradicional.

Passou sua infância no seio da família, onde reinava o espírito comunitário capaz de influenciar todo o seu pensamento futuro: o hábito de confiar às crianças a realização de pequenas tarefas fez com que despertasse, não só nele como em seus irmãos, o sentimento de responsabilidade individual que mais tarde iria constituir um dos

ingredientes mais importantes de sua 'receita' de como viver democraticamente. (AMARAL, 2007, p. 32).

Passando pela sua vivencia dentro da organização democrática das comunidades congregacionalistas, às ideias darwinistas da teoria da evolução que deram ao filósofo a noção da unicidade entre os seres em um mundo de igualdade; onde cada um tem uma função bem definida de acordo com a sua natureza a fim de manter o equilíbrio do todo. Sucedida pela tese da psicologia funcional de Willian James na qual a função da consciência é guiar-nos aos fins necessários para sobreviver e evoluir.

Ao final dessa linha concluímos que o princípio de continuidade entre natureza e experiência, espírito e corpo, homem e mundo tem base teórica consistente e lógica, capaz de influir sobre as relações humanas, nas relações entre o homem e natureza, consolidando a democracia como princípio básico para a evolução da humanidade e construção de um mundo civilizado.

No terceiro capítulo, analisamos a especificidade do papel do professor reflexivo à luz da filosofia deweyana diante das abordagens do pensamento reflexivo. Por meio da experiência e da reflexão na experiência, conforme Dewey, e o conhecimento adquirido ao longo da vida pela experiência, fazem parte da formação intelectual do professor.

O terceiro capítulo tem como título, *Professores Reflexivos e o Ensino Democrático*, que possui cinco subtítulos: (1) Dificuldades encontradas para a ação docente; (2) A formação de professores e a promoção da experiência de um ambiente democrático; (3) Professor reflexivo e consciência política; (4) A postura reflexiva de professores pesquisadores e (5) Escola Reflexiva – Ambiente da vida social.

Neste último capítulo, Freire foi citado um número maior de vezes, porque percebemos uma afinidade de seu pensamento a respeito da educação e da democracia com a filosofia deweyana. Assim como Dewey, Freire defende que a educação é capaz de construir a democracia como forma de vida guiada pelo pensamento reflexivo.

A democracia é entendida por eles como uma "forma de vida" social e historicamente construída e em contínua construção. Isto significa dizer que a transformação da situação presente deve ser regida pelo pensar reflexivo, como maneira de lidar com os problemas comuns por meio do diálogo e da comunicação. (MURARO, 2012, p. 220)

Dewey fala da necessidade do conhecimento profissional do docente, conhecimento que está presente nos cursos de licenciatura, como psicologia, filosofia, história da educação e as metodologias de ensino.

O fato de que o professor precisa estudar a mente dos alunos, como precisam estes estudar a matéria em seus vários campos, justifica a necessidade, por parte dele, de conhecimento técnico, além do conhecimento das matérias ensinadas. Por 'conhecimento técnico' entenda-se, aqui, conhecimento profissional. (DEWEY, 1979a, p. 271-272).

A escola, principalmente a escola pública, deveria ser a menina dos olhos da nossa sociedade, pois ela é, na maioria das vezes, o primeiro contato de vida social que a criança tem fora do ambiente familiar. Cabe a essa instituição preocupar-se em proporcionar o modo de vida democrático e com a formação de um indivíduo sensível, crítico e responsável com os problemas sociais.

Para Dewey, a fé na inteligência humana pressupõe o reconhecimento de sua liberdade para pensar e agir. “*O professor precisa ter seu espírito livre para observar as relações e movimentos mentais dos estudantes [..]*” (DEWEY, 1979a, p. 271, itálico no original).

De acordo com Amaral (2007):

Se entendemos que, para Dewey, vida significa vida reflexiva, podemos perceber o significado de sua confiança desmedida nas possibilidades realizadoras da inteligência humana, assim como no método da inteligência para resolver todos os problemas desse mundo. (AMARAL, 2007, p. 26).

Ressaltamos a importância do papel do professor reflexivo para a construção de um ambiente escolar humano e democrático e, conseqüentemente, de uma sociedade democrática. O perfil desse profissional é daquele educador que participa ativamente da vida escolar, seja no âmbito pedagógico, administrativo ou social. Segundo Pimenta (2006):

Do ponto de vista conceitual, as questões levantadas em torno e a partir do *professor reflexivo*, investindo na valorização e no desenvolvimento dos saberes dos professores e na consideração destes como sujeitos e intelectuais, capazes de produzir conhecimento, de participar de decisões e da gestão da escola e dos sistemas, trazem perspectivas para a re-invenção da escola democrática. (PIMENTA, 2006, p. 36, itálicos da autora).

García (1997, p. 54) diz que, quando falamos sobre a formação de professores, assumimos determinadas posições de caráter epistemológico, ideológico e cultural que não são ligados somente ao docente, mas ao ensino e ao aluno. Nesse sentido, é necessário que a formação docente crie situações que contribuam para a reflexão e tomada de consciência das limitações sociais, culturais e ideológicas da própria profissão docente. “A *reflexão* é, na atualidade, o conceito mais utilizado por investigadores, formadores de professores e educadores diversos, para se referirem às novas tendências da formação de professores.” (GARCÍA, 1997, p. 59, itálico do autor).

Embora haja vários autores que, em seu trabalho, falam da formação de professores reflexivos, percebemos que há uma grande dispersão semântica e uma diversidade das propostas metodológicas⁴.

Algumas vezes, esse conceito nos é apresentado como algo novo, mas sua origem está em Dewey. Em sua obra *Como Pensamos* (1910) e em *Democracia e Educação: introdução a filosofia da educação* (1916), o filósofo já falava da importância do pensamento reflexivo na educação e da formação profissional de professores reflexivos.

Para ele, o ato de pensar reflexivamente deve constituir um fim educacional. “Daqui deriva a necessidade de formar professores que venham a reflectir sobre sua própria prática, na expectativa de que a reflexão será um instrumento de desenvolvimento do pensamento da acção.” (GARCÍA, 1997, p. 60).

As primeiras influências da filosofia da educação deweyana no Brasil datam do início do século XX,

[...] a filosofia de John Dewey produziu frutos práticos no terreno da educação, suas ideias adentraram às salas de aula de escolas públicas e privadas, bem como no âmbito da gestão pedagógica transformando a vida de milhões de estudantes e professores.”. (NASCIMENTO, 2017, p. 245).

⁴ “Para caracterizar essa nova (?) concepção do professor e do ensino vários termos são utilizados: prática reflexiva, formação de professores orientada para a indagação, reflexão-na-acção, o professor como controlador de si mesmo (Elliot), professores reflexivos (Cruicksank & Applegate; Zeichner), o professor como pessoa que experimenta continuamente (Stratemeyer), professores adaptativos (Hunt), o professor como investigador da acção (Corey & Shumsky), o professor como cientista aplicado (Brophy & Everston; Freeman), professores como sujeitos com um ofício moral (Tom), professores como sujeitos que resolvem problemas (Joyce & Harootunian), professores como sujeitos que colocam hipóteses (Coladarci), professores como indagadores clínicos (Smyth), professores auto-analíticos (O’Day), professores como pedagogos radicais (Giroux), professores como artesãos políticos (Kohl) e o professor como acadêmico (Ellner)”(GARCÍA, 197, p. 59).

Mesmo um século depois, percebemos, por meio dessa pesquisa, que o estudo e a compreensão dos conceitos filosóficos deweyanos continuam necessários na atualidade brasileira. Seu amor pela democracia, sua preocupação com a vida social e o bem comum, sua defesa por uma escola livre de dualismos e, conseqüentemente, livre da intolerância, das diferenças de raça, cor, grau de cultura e classes econômicas, sua defesa pelo direito de todos a educação são carências que sofremos no atual momento político do país.

CAPÍTULO I

O PENSAMENTO REFLEXIVO E A DEMOCRACIA

O objetivo desse capítulo é analisar o conceito de pensamento reflexivo na abordagem dos conteúdos, tendo em vista compreender sua função social na educação. Para alcançarmos esse propósito utilizaremos como base teórica a obra *Como Pensamos* (1910) onde John Dewey discute as características que definem diferentes tipos de pensamento humano, dedicando-se a explicar a origem do pensamento reflexivo e o seu fim educacional.

Dewey coloca o pensamento reflexivo como um princípio educativo. Para ele, o método da reflexão é o método de educar, fazendo-se necessário um estudo do processo do pensar. A criança chega à escola dotada de curiosidade, trazendo consigo as experiências vividas fora do ambiente escolar, que na sua grande maioria não são planejadas, mas que fornecem sentidos que já fazem parte da sua formação. É na escola que essa criança participará de novas experiências, agora planejadas por seus professores, que serão por ela refletidas.

O gosto pela investigação experimental nasce com o ser humano, de acordo com Dewey:

Para as crianças, o mundo inteiro é novo. Para toda criatura sadia, cada novo contacto é como que um deslumbramento ardentemente procurado, não apenas passivamente esperado e suportado. Não há uma faculdade una chamada 'curiosidade'; cada órgão sensitivo ou motor, normal, mantém-se em *qui vive*; busca oportunidade de ação e, para agir, reclama um objeto. A curiosidade é a soma de todas essas tendências dirigidas para fora. Fator básico da ampliação da existência, é, portanto, ingrediente primário dos germes que se desenvolverão em ato de pensar reflexivo. (DEWEY, 1979a, p. 271, itálico do autor).

Contudo, para que a experiência conduza a pessoa para o crescimento intelectual é necessário que ela seja metodicamente conduzida pelo pensamento lógico, refletido e coerente. Sem a experiência refletida não há desenvolvimento intelectual.

Para Dewey, o ato de pensar reflexivamente move a pesquisa, que acontece por meio da investigação e procura pela solução de uma situação problema. Para ele,

o gosto pela pesquisa não é uma característica exclusiva de cientistas, mas de todo estudante que busca por meio da experiência reflexiva encontrar respostas para as inquirições feitas no estudo dos conteúdos. Essa procura tem um caráter pessoal, individual e faz parte do amadurecimento intelectual do aluno, “[...] o ato de pensar é investigação, é pesquisa e pesquisa pessoal, original, da pessoa que faz, mesmo que todo o resto do mundo já conheça aquilo que ela procura descobrir.” (DEWEY, 1979b, p. 162).

A importância da função social da escola está no fato de que ela proporciona ao estudante reformular suas experiências, imprimir um novo olhar ao conteúdo e compartilhar as novas considerações a que chegou com o seu grupo, fazendo isso de forma livre, reflexiva e dialogada.

Vemos o mundo por nossas próprias lentes e por isso temos visões diferentes de um mesmo conteúdo. A aprendizagem não acontece de forma linear e no mesmo tempo para todos. Conforme argumenta Dewey, a originalidade de uma descoberta está no surgimento de novas considerações que não haviam sido apreendidas:

Só as pessoas tolas identificam a originalidade com o extraordinário e o fantasioso; as outras reconhecem que a mesma consiste em dar às coisas conhecidas usos que ainda não haviam ocorrido a outras pessoas. É nova a operação, mas não são novos os materiais com que aquela é feita. A conclusão pedagógica a tirar-se disto é que todo o ato de pensar é original quando faz surgir considerações que ainda não tinham sido anteriormente apreendidas (DEWEY, 1979b, p. 174-175).

Para Dewey, a ideia de continuidade garante a unicidade entre mente e corpo, o eu e o mundo, o indivíduo e suas relações com os outros. Portanto para o autor não há um isolamento entre a mente e as atividades que envolvem as condições físicas, ou seja, as atividades mentais não estão dissociadas das ações práticas, não é possível separar teoria e prática conhecimento e ação (AMARAL, 2007, p. 48).

Dewey entende que um dos maiores problemas causados pelas dualidades é a divisão da sociedade em classes. “Como sabemos, todos os dualismos, qualquer que seja a forma pela qual se expressem [...], apresentam uma característica comum, isto é, criam um verdadeiro abismo entre a mente que conhece e o mundo a ser conhecido.” (AMARAL, 2007, p. 49).

Na filosofia deweyana o ser humano é naturalmente um ser social e que interfere no grupo ao qual participa, porém com individualidades e percepção de mundo que são próprias resultante de sua construção histórica.

Segundo Amaral (2007):

[...] a sobrevivência no universo deweyano adquire uma conotação fortemente social, isto é, o homem sobrevive em um meio distintivamente humano, qual seja, o social. Então, é como se disséssemos que o homem deweyano só sobrevive se interagir continuamente com a natureza e com outros homens, como símbolo dessa interdependência vital que existe entre eles.(AMARAL, 2007, p. 89).

Para Dewey, não é possível pensar o homem como um ser isolado. A sociedade funciona como uma célula, um organismo vivo onde cada integrante desse sistema tem uma função que contribui para o bem coletivo. Segundo Amaral (2007), é por meio da inteligência que o homem resolve situações-problema tendo em vista o bem comum e o respeito às diferenças de opiniões e crenças:

Além disso, fazendo da inteligência o verdadeiro e único instrumento para resolver as situações-problema do homem em sua interação com o meio, coloca todos em plano de igualdade. [...] Por outro lado, exige de todos a devida tolerância com as diferenças de opiniões e crenças. (AMARAL,2007, p. 65).

O nosso progresso intelectual está ligado à capacidade de refletir, de pensar sobre a falta de compreensão ou a ausência de significado que temos sofre uma inquietação que nos aflige. Esse progresso é contínuo, toda vez que o nosso conhecimento se amplia percebemos fatos que não haviam sido percebidos à primeira vista, sem reflexão. “Refletimos para poder conseguir plena e adequada compreensão do que ocorre.” (DEWEY, 1979a, p. 142).

A educação na filosofia deweyana abrange o aspecto intelectual, assim como a formação de hábitos e atitudes práticas de eficiência, o fortalecimento e desenvolvimento de disposições éticas e o cultivo de apreciações estéticas, tudo isso dentro de um processo consciente e reflexivo.

1.1. Diferentes tipos de pensamento

É certo que todos pensamos, a mente humana está repleta de processos mentais, o que não significa que todos esses processos sejam planejados ou organizados de forma reflexiva.

Dewey afirma que não é possível determinar de maneira exata a atividade de pensar, mas pode-se indicar e descrever as várias maneiras pelas quais pensamos. As pessoas que compreendem quais são as melhores maneiras de pensar e porque elas são melhores tornam a sua maneira de pensar mais eficiente. Algumas dessas formas de pensar são elaboradas e organizadas o que as tornam mais eficientes que outras.

No livro *Como pensamos*, Dewey coloca as fantasias, as invenções, as crenças e as reflexões como maneiras de pensar. Nossa intenção nessa pesquisa não visa analisar detalhadamente as três primeiras maneiras, nosso interesse está na reflexão. Faremos apenas uma pequena apresentação das três primeiras exemplificadas por Dewey em sua obra.

As fantasias e as invenções aparecem com mais frequência no universo infantil, porém não se restringem ao universo infante, algumas são desconexas outras são articuladas e com um certo grau de coerência. Dewey entende que as histórias imaginárias contadas pelas crianças, quando conexas, se assemelham ao pensamento reflexivo, pois possuem uma capacidade lógica. “Essas elaborações imaginárias precedem, com frequência, o pensamento encadeado, preparando-lhe o caminho.” (DEWEY, 1979a, p. 15).

Quanto às crenças elas são transmitidas por meio das tradições, das instruções ou imitações e carregam consigo uma certa autoridade, podem ser aceitas ou rejeitadas. “Uma crença refere-se a algo além de si própria, por onde se aquilata o seu valor: faz uma afirmação sobre algum fato, algum princípio ou lei”. (DEWEY, 1979a, p. 16)

As crenças são matérias das quais não temos conhecimento seguro, são ideias colhidas de outros e aceitas por serem correntes. Todavia baseamos muitas de nossas ações nas crenças em que confiamos e acabam sendo aceitas como verdadeiras.

Quando começamos a fazer inquirições duvidando das crenças admitidas no passado como conhecimento verdadeiro, começamos a examiná-las com novas evidências, elas perdem sua força de convencimento e por vezes passam a ser tratadas como equívocos, erros. Dewey coloca o exemplo da terra plana “[...]”

justamente como pensar que a Terra era plana levava outros à convicção da impossibilidade da circunavegação e à ideia de que a Terra se limitava às regiões que, em sua pequena parte civilizada, os europeus já conheciam.” (DEWEY, 1979a, p. 18).

As crenças quando submetidas a reflexão podem ser substituídas por novas crenças. “A crença posterior apoia-se no estudo cuidadoso e extensivo, na ampliação intencional da área de observação, no raciocínio sobre as conclusões de conceitos alternativos para verificar o que resultaria da adoção de uma ou outra crença.” (DEWEY, 1979a, p. 18).

Para Dewey, a melhor maneira de pensar é denominada por ele de pensamento reflexivo que é “[...] a espécie de pensamento que consiste em examinar mentalmente o assunto e dar-lhe consideração séria e consecutiva.” (DEWEY, 1979a, p. 13).

Dar consideração séria e consecutiva a um assunto requer planejamento do ato de pensar, Dewey diz que pensar reflexivamente consiste em dar importância à dúvida, à hesitação, à incerteza. Tais sentimentos dão origem ao ato de pensar, posteriormente, deve-se dar importância à investigação, à pesquisa, à procura de material que esclareça as dúvidas levantadas na primeira fase. “Pensar é inquirir, investigar, examinar, provar, sondar, para descobrir alguma coisa nova ou ver o que já é conhecido sob prisma diverso. Enfim, é perguntar.” (DEWEY, 1979a, p. 262).

Para Dewey, a constante atividade da inteligência humana é um instrumento que nos permite agir na natureza e nos capacita a resolver problemas. O pensamento reflexivo é o processo pelo qual orientamos a experiência, conceito que terá maior evidência no segundo capítulo do nosso trabalho.

A experiência representa o agir, o pensamento a reflexão. Por meio da experiência refletida podemos interferir e mudar o mundo, dando continuidade ao nosso processo de evolução, “[...] o conhecimento só faz sentido se for concebido como uma atividade inteligente, agregado a complexidade da experiência e operando no mundo por meio dos processos ação e reflexão.”(NASCIMENTO, 2017, p. 79). O conhecimento, para Dewey, é resultado do processo reflexivo que forma o conjunto de significados que podem ser usados em experiências vindouras.

1.2. O papel da reflexão para combater as falsas crenças

Segundo Dewey, o pensamento puramente empírico é responsável por dar origem às falsas crenças, a resistência pelo novo e a criação de dogmas. Muitos dos fatos que ainda hoje aceitamos como verdadeiros têm origem apenas no método empírico, ou seja, não foram regulados pelo método científico, analisados, testados, confrontados ou questionados. Dewey concebe o método da experiência refletida como o mais adequado para a formação de nossas crenças. Segundo Dewey:

A referida consideração de método poderá ser adequadamente principiada pelo contraste entre os objetos grosseiros, macroscópicos e rudes da experiência primária e os objetos refinados, derivados, da reflexão. A diferença é a existente entre aquilo que é experienciado como o resultado de um mínimo de reflexão incidental e aquilo que é experienciado em consequência de investigação reflexiva contínua e dirigida. (DEWEY, 1980, p. 7).

O pensamento empírico nasce da observação de acontecimentos repeditos frequentemente nas experiências passadas. Sempre que um fato acontecia repetidamente, tomava-se esse fato como verdade. Um exemplo disso são as crenças meteorológicas do passado, a escolha do plantio e da colheita pelas fases lunar ou a capacidade dos homens de prever um eclipse ou a passagem de um cometa. Tais previsões surgiam das coincidências das repetições desses fatos. “Tinham aprendido, por observações repetidas, que as coisas se passavam, mais ou menos, deste ou daquele modo.” (DEWEY, 1979a, p. 189).

Mesmo que muitas conclusões empíricas sejam exatas, mesmo que essa exatidão tenha eficácia na vida cotidiana, não é possível por meio exclusivamente do método empírico afirmar que essas conclusões são certas ou erradas. Por esse motivo, ele é responsável por inúmeras crenças falsas, pois baseia-se apenas em coincidências e eventos casuais (DEWEY, 1979a, p. 190).

O fato de as experiências empíricas basearem-se exclusivamente em constantes repetições de fatos passados, causam ilusão de que essas crenças são sólidas e trazem resistência ao que é novo. Uma nova experiência que se afaste das antigas, acidentais ou casuais são capazes de tornar inúteis as crenças iniciais.

Dewey destaca que o traço mais prejudicial do pensamento puramente empírico é a inércia mental, a preguiça e o conservadorismo injustificado. Para o autor, o espírito pende naturalmente para algum princípio de continuidade, para suprir a necessidade de ligar fatos e causas que surgem isolados uns dos outros, criam-se explicações fantasiosas e mitológicas cujos valores explicativos não podem ser

confirmados. “Dão lugar a doutrinas que, inculcadas e transmitidas, convertem-se em dogmas, ficando, assim, radicalmente reprimidas a investigação e a reflexão subsequentes.” (DEWEY, 1979a, p. 192).

Alguns grupos da sociedade se tornam depositários e transmissores desses dogmas, por meio da citação de antigas leis aceitas sem exame, silenciam as dúvidas e a investigação. Podemos tomar como exemplo os dogmas religiosos, a maioria deles exercem grande autoridade sobre os fiéis. Não são postos em dúvida, são aceitos pela fé e regulam a moral.

Os fatos e os acontecimentos que surgem como novidade são menosprezados e deformados. “Discutir as crenças seria discutir a autoridade desses homens; aceitá-las, prova de lealdade aos poderes, quaisquer sejam eles, prova de patriotismo.” (DEWEY, 1979a, p. 192). No atual cenário político temos uma onda de defensores de falsas crenças que se intitulam justamente de “patriotas”.

Podemos citar como exemplo o atual ministro do Meio Ambiente Ricardo Salles, que por várias vezes espalhou boatos falsos (*fake news*), na tentativa de culpar Organizações Não Governamentais (ONGs) de desastres ambientais no país, como o grande aumento das queimadas na Floresta Amazônica em 2019, causando preocupações de nível mundial, e o vazamento de óleo que atingiu o litoral da região Nordeste.

Na verdade, parte das responsabilidades por esses desastres ambientais é do próprio governo federal, que não atuou na prevenção e pouco fez para resolver tais problemas. Lembrando que o diretor do INPE (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais), Ricardo Galvão foi exonerado pelo governo federal no dia sete de agosto de 2019, justamente por denunciar o aumento das queimadas na Amazônia. Em dezembro de 2019 o físico Ricardo Galvão aparece na lista dos dez cientistas que foram destaques desse ano publicada pela revista *Nature*.

As falsas crenças aceitas como verdades por costume, inércia e preguiça ou instauradas por imposições de autoridades são obstáculos ao progresso e impedem o desenvolvimento intelectual, exclui-se “[...]tudo aquilo que não se amolda aos cânones estabelecidos; os homens que fazem descobertas tornam-se alvo de suspeita e mesmo de perseguição.” (DEWEY, 1979a, p. 192). Percebemos que isso tem acontecido com a ciência no país, principalmente por parte do governo federal.

Vivemos em um momento histórico da sociedade brasileira em que é possível perceber a ausência do pensar reflexivo em todos os segmentos da sociedade. As

falsas crenças são disseminadas e as artes, os conhecimentos filosóficos e científico postos em dúvida.

A falta de uma análise reflexiva sobre as informações que recebemos pela mídia e redes sociais, tem causado uma supervalorização das falsas crenças, crenças em boatos e notícias falsas, as chamadas *fake news*, que por conta da *internet* são disseminadas com uma velocidade assustadora.

O estrago causado por essas informações falsas pode causar muitos danos à sociedade. Um dos prejuízos que percebemos é a redução do conhecimento científico e das pesquisas acadêmicas a um segundo plano em detrimento dos achismos criados e tratados como se fossem verdadeiros, ou seja, quando incorpora-se um valor à crença na afirmação de um fato, um princípio ou lei sem tê-los experimentado, vivenciado ou tomado parte da sua elaboração.

Para John Dewey:

Tais 'pensamentos' desenvolvem-se inconscientemente. São colhidos – não sabemos como. De obscuras fontes e por canais não percebidos, insinuam-se no espírito e tornam-se, inconscientemente, uma parte de nossa guarnição mental. São por eles responsáveis a tradição, a instrução, a imitação, que, todas, dependem, de alguma forma, de autoridade, ou atendem à nossa própria vantagem, ou coincidem com alguma forte emoção nossa. Tais 'pensamentos' são preconceitos; isto é, prejuízos, não conclusões alcançadas como resultado da atividade mental pessoal, observação, coleta e exame de provas. Mesmo quando acontece serem corretos, sua correção é acidental no que se refere à pessoa que os tem. (DEWEY, 1979a, p. 17)

Desta forma, podemos perceber a importância da intervenção do pensamento reflexivo na observação, coleta e exame de provas, com a finalidade de combater as *fake news*, movimento que tem sido usado constantemente como forma de enganar e manipular a opinião pública.

As crenças devem ser questionadas, investigadas, experimentadas e provadas, necessitando de fundamento. A reflexão sobre uma crença deve estar pautada no que lhe dá sustento, em evidências, provas, documentos, tudo o que sirva de garantia para validá-la. “O único critério válido para solidificação de uma crença reside na possibilidade de comunicação que ela traz consigo, no sentido de poder satisfazer as necessidades e os problemas de um grande número de indivíduos.”

(AMARAL, 2007, p. 70). Combater as façãs crenças requer curiosidade, investigação, dúvida e ética⁵. Trindade afirma que:

Importa a Dewey devolver a ética ao homem comum, nas suas ações cotidianas, para que cada um possa tomar parte das responsabilidades sobre si mesmo e sobre a vida comunitária. Somos constituídos por nossos atos e, portanto, a conduta expressa o caráter. (TRINDADE, 2014, p. 10).

Assim como nossas crenças estão sobre o crivo da reflexão, do pensamento, do processo experimental, a filosofia também está regulada pelo método científico. Para Dewey, por meio do método empírico a filosofia reflete sobre o subjetivo a partir da experiência:

A relação de continuidade e não separação entre filosofia e ciência define o pragmatismo de Dewey que, a exemplo de Peirce, concebe o método da ciência, como o mais adequado para a fixação de nossas crenças. Entretanto sua concepção de ciência, como foi desenvolvida aqui, não se coaduna com aquela dos modelos positivistas e objetivistas do conhecimento; ao contrário, trata-se de uma prática social desenvolvida com padrões de assertividade garantida, produzida a partir de relações democráticas e padrões de excelência. (NASCIMENTO, 2017, p. 101).

O processo experimental sob a análise do pensamento reflexivo é capaz de conduzir crenças fundadas nos costumes para crenças sólidas. “As crenças intelectuais são, acima de tudo, crenças morais e como tal dizem respeito à conduta, à atuação prática. A própria crença traduz-se em ação. Afinal, a crença que não atua, não existe, é uma falsa crença.” (AMARAL, 2007, p. 69). Dewey assegura à inteligência o papel de conduzir a vida prática.

As diferenças entre as falsas crenças e as crenças sólidas, estão nas propriedades que as evidenciaram, sob as consequências das experiências por meio instrumental do pensamento reflexivo. “O problema reside, pois, em saber como a crença verdadeira (ou crença no real) se distingue de crença falsa (ou crença na ficção).” (PEIRCE, 1975, p. 65). Peirce (1975, p. 65) afirma que as ideias de verdade e falsidade em seu alcance completo, dizem respeito exclusivamente ao método experimental. Para esse pragmatista o método experimental deve estar na manipulação de coisas reais e não de palavras e fantasias.

⁵ **Etim:** grego *ethos*, ‘costumes’. Para Aristóteles: ciência prática tendo por assunto os actos do Homem enquanto ser possuidor de razão, e por objetivo a virtude na condução da vida.

1.3. O pensar reflexivo

O nosso objetivo nesse trabalho é tratar do pensamento reflexivo no ambiente escolar, portanto, não podemos deixar de falar do processo de formação desse tipo de pensamento e como ele nos é apresentado na filosofia deweyana. A compreensão da função social da educação compromissada com a construção de uma sociedade democrática tem como base conceito de pensamento reflexivo.

Essa forma de pensar, segundo Dewey é a “melhor maneira de pensar”. A capacidade reflexiva, para Dewey, não se resume numa sucessão irregular de acontecimentos. “A reflexão não é simplesmente uma sequência, mas uma consequência - uma ordem de tal modo consecutiva que cada ideia engendra a seguinte como seu efeito natural e, ao mesmo tempo, apoia-se na antecessora ou a essa se refere” (DEWEY, 1979a, p. 14).

O pensamento reflexivo é um pensamento encadeado no qual as informações estão organizadas em processo consequente. O fluxo de informação não desconecta uma informação da outra. Podemos perceber a importância da continuidade nessa forma de pensar. “E qualquer pensamento reflexivo há unidades definidas, ligadas entre si de tal arte que o resultado é um movimento continuado para um fim comum.” (DEWEY, 1979a, p. 14).

A capacidade lógica de concatenar as informações numa cadeia conexas, relacionando causa e consequência é característica do pensamento reflexivo. Todo esse encadeamento lógico direciona para algum lugar, para uma conclusão. “Esse curso deve conduzir a algum lugar; deve tender a uma conclusão passível de construir uma substância exterior à corrente de imagens” (DEWEY, 1979a, p. 15).

Dewey entende que pensamento reflexivo é ato consciente e lógico que coloca as crenças sob o crivo da reflexão, para avaliar a pertinência na solução dos problemas. “O pensamento reflexivo faz um ativo, prolongado e cuidadoso exame de toda crença ou espécie hipotética de conhecimento, exame efetuado à luz dos argumentos que a apoiam e das conclusões a que chega” (DEWEY, 1979a, p. 18).

Num modo de pensar reflexivo as conclusões ou verdades tornam-se pontos a serem interrogados. Como posto anteriormente a inquirição é o primeiro passo para o pensamento reflexivo. As conclusões encontradas, por meio da reflexão, analisadas e experimentadas nos permitem novos pontos de partidas.

A construção do conhecimento é um processo contínuo. As respostas encontradas ao final de uma pesquisa, passam ser meios para se alcançar novos fins, num movimento de constante reconstrução. Por isso, “[...] o autor confere importância aos hábitos, enquanto resposta rápida às demandas da vida prática, mas assegura à inteligência o papel de conduzi-los” (TRINDADE, 2014, p. 10). Todo ato de pensar desenvolve crenças ou hábitos.

Quando estamos diante de uma situação-problema somos movidos a tomar uma atitude que se coloca em nosso caminho como um obstáculo. O que fazer para remover tal barreira? Podemos simplesmente contorná-la seguindo outro caminho. Talvez, essa atitude seja a mais cômoda, mas não resolve o problema. Outra possibilidade é enfrentá-la. Quando tomamos essa decisão, damos início ao ato de pensar e, conseqüentemente, refletir.

Pensar reflexivamente requer observação, que pode ter origem no uso dos sentidos ou em lembranças de observações anteriores. É preciso avaliar as condições que temos. Dewey chama essas condições de fatos e dados. São coisas que lá estão e devem ser consideradas. Nem sempre são agradáveis ou de fácil compreensão, mas devem ser tomados exatamente como são. “Por isso, observação e memória devem afanar-se para não deixar passar ou mal interpretar os aspectos importantes. Enquanto não bem formado o hábito de pensar, é um esforço o enfrentar uma situação para descobrir-lhe os fatos.” (DEWEY, 1979a, p. 108).

A reflexão exige a comparação entre as possíveis alternativas encontradas por meio da observação. É essa ação que vai permitir escolher dentre as hipóteses levantadas a que resolve o problema. O verdadeiro pensamento reflexivo segue um percurso que leva à continuidade “[...] entre os fatos revelados pela observação, as sugestões de solução e de métodos de tratamento das condições, prosseguem até que alguma solução sugerida preencha todas as condições do caso e não contrarie nenhum aspecto que possa se notar.” (DEWEY, 1979a, p. 108).

O ato de pensar reflexivamente resulta em conhecimento, por ele ser um importante instrumento para provar experimentalmente o valor desse saber gerado. A reflexão é uma ação que remete à análise de fatos retrospectivos, já observados ou sentidos e que geram uma consequência. Dessa forma, podemos planejar nossas ações futuras, pois fazemos parte de um mundo que está em constante evolução, “[...] todo conhecimento como coisa distinta da reflexão é retrospectivo – tem valor na

proporção da solidez, segurança e fecundidade com que garante os nossos negócios com o futuro.” (DEWEY, 1979b, p. 166).

Destarte, podemos prever as consequências de nossas experiências e planejar o futuro. O hábito de pensar reflexivamente produz experiências educativas contínuas, pois uma vez resolvido um problema por meio desse instrumento, provavelmente resolver-se-ão problemas análogos futuros mais rapidamente e com eficiência.

1.4. Fases do pensamento reflexivo

Como vimos anteriormente, segundo Dewey, o pensamento reflexivo é a melhor maneira de pensar. Esse processo constitui o instrumento utilizado para analisar o curso das experiências. O modelo de investigação sugerido pelo autor é controlado pelo conhecimento, não é feito de forma obscura ou indiscriminadamente. Por meio do processo de comparação e contrastes chegamos a conclusões fundamentadas e racionais.

Dewey define investigação da seguinte forma:

A investigação é a transformação dirigida ou controlada de uma situação indeterminada em uma situação de tal modo determinada nas distinções e relações que a constituem, que converta os elementos da situação original em um todo unificado. (DEWEY, 1980, p. 58).

Para que o pensamento reflexivo seja instrumento eficaz na investigação ele obedece a um processo lógico. Peirce afirma que:

Poucas pessoas se preocupam em estudar lógica, pois todas se julgam suficientemente conhecedoras da arte de raciocinar. Observo, porém, que tal suficiência só é reconhecida em relação à própria inteligência, não se estendendo à dos demais homens. (PEIRCE, 1975, p. 71).

Dewey distingue o pensamento reflexivo em cinco fases, cuja sequência é flexível, de modo que a experiência, ou experimentação, seja guiada metodicamente pelo pensamento lógico, do contrário ela perde seu valor cognitivo: “A genialidade do método lógico desenvolvido por um homem deve ser por ele amada e reverenciada como uma companheira que ele houvesse escolhido dentre todas as coisas do mundo.” (PEIRCE, 1975, p. 89). Sem reflexão inteligente e sem coerência a suposta experiência é perda de tempo, não tem utilidade social.

De acordo com a definição de investigação dada por Dewey, podemos afirmar que a função essencial de uma atividade reflexiva é transformar uma situação pré-reflexiva (confusa, perturbada, embaraçosa) em uma situação pós-reflexiva (resolvida, esclarecida, unificada).

Mas, o que caracteriza cada uma dessas situações? Analisando-as respectivamente temos que, a situação original é indeterminada e está aberta à investigação, já a situação final é determinada, portanto fechada e constitui o universo da experiência:

A primeira destas situações pode chamar-se *pré-reflexiva*: apresenta o problema a ser resolvido; é a origem da questão a que a reflexão deve responder. Na situação final, a dúvida foi dissipada; a situação é *pós-reflexiva*: resulta numa experiência direta de domínio, satisfação, gozo. Eis os limites da reflexão. (DEWEY, 1979a, p. 111).

Na sua obra *Como pensamos* Dewey escreve detalhadamente sobre as cinco fases ou etapas do pensamento reflexivo determinadas por ele, como: (1) problema ou situação indeterminada seguido da sugestão, (2) intelectualização, (3) hipótese ou ideia guia, (4) raciocínio e (5) verificação da hipótese pela ação. Faremos uma breve apresentação de cada uma dessas fases.

A primeira fase descrita por Dewey trata-se do problema ou situação indeterminada da investigação, [...] é da própria natureza da situação indeterminada que evoca a investigação o ser *questionável*; ou, em termos de atualidade e não de potencialidade, ser incerta, não-estabelecida, confusa.” (DEWEY, 1980, p. 59). É seguida pela sugestão, que representa a primeira solução vinda à mente espontaneamente, serve de impulso inicial para resolver o problema que deu origem ao pensamento, “[...] as sugestões, nas quais o espírito salta para uma possível solução.” (DEWEY, 1979a, p. 111). Geralmente é inibida pelo surgimento de outras ideias. “Certo grau da inibição da ação direta é necessário à condição de dúvida e demora, essencial ao ato de pensar.” (DEWEY, 1979a, p. 112).

A segunda fase trata-se da intelectualização da dificuldade, a busca por uma resposta que resolva o problema. “Em todos os casos, entretanto, de que resulta a atividade reflexiva, há o processo de *intelectualizar* o que, em princípio, é somente uma qualidade *emocional* da situação em sua totalidade.” (DEWEY, 1979a, p. 113, itálicos do autor). A atividade reflexiva começa quando ocorre a definição do problema. “Na verdade, quando ficamos sabendo *exatamente* qual é o problema, já, ao mesmo

tempo, lhe estamos encontrando a saída e conseguindo resolvê-lo. É simultaneamente que o problema e a solução emergem *completamente*.” (DEWEY, 1979a, p. 112, itálicos do autor).

A hipótese ou a ideia-guia é a terceira fase do pensamento reflexivo. A partir desse momento o pensamento examina, modifica e corrige as sugestões anteriores, definindo assim a ideia-guia, “[...] os fatos ou dados põem-nos à frente o problema: o exame deste corrige, modifica, expande a sugestão original que passa a constituir, destarte, uma suposição definida ou, dito mais tecnicamente, uma *hipótese*.” (DEWEY, 1979a, p. 114, itálico do autor).

Na quarta fase a hipótese indicada na fase anterior sofre um processo de racionalização, ou de discurso racional. Com bases teóricas, ela é observada de forma experimental a fim de que se torne aplicável, isto é, que possa solucionar o problema de forma mais rápida e eficaz possível:

A elaboração pelo raciocínio pode tornar muito rica e plausível uma ideia sugerida, mas não determinará a sua validade. Somente quando se observa (por métodos de coleta ou experimentação) que os fatos se coadunam, em minúcia e sem exceção, com os resultados teóricos, é que se justifica que aceitemos a conclusão racional como conclusão válida para coisas reais. Em suma, pensar – mas pensar de modo completo – começa e acaba no domínio das observações concretas. (DEWEY, 1979a, p. 182).

A quinta e última fase é a verificação das hipóteses pela ação, é considerada por Dewey como sendo a responsável por provar a validade da hipótese como solução do problema. Dessa forma a investigação passa da situação indeterminada para a situação determinada:

A fase final é uma espécie de prova, pela ação exterior de *corroboração* ou *verificação experimental* da conjectura. O raciocínio mostra que, se a *ideia* for adotada, resultarão certas consequências. (...) faz-se necessário um experimento: *isto é, as condições são deliberadamente arrumadas, de acordo com as exigências de uma ideia ou hipótese, para ver se realmente ocorrem os resultados indicados teoricamente pela ideia*. Se for averiguado que os resultados experimentais concordam com os que foram deduzidos teórica ou racionalmente, e se há razão para crer que só as condições em questão forneceriam tais resultados, a confirmação é tão forte que induz uma conclusão – pelo menos até que fatos contrários venham a indicar a conveniência da sua revisão. (DEWEY, 1979a, p. 118, itálicos do autor).

Para Dewey, pensar é verificar, é por meio da ação que verificamos as possíveis consequências antecipadas pelo pensamento reflexivo. “A capacidade de *organizar* o conhecimento consiste no hábito de rever fatos e ideias anteriores e relacioná-los mutuamente sobre nova base; a saber, a base da conclusão alcançada.” (DEWEY, 1979a, p. 122, itálico do autor). Tal hábito não está entre as capacidades natas do ser humano, é necessário que ela seja apreendida.

Dewey deixa bem claro que a sequência das cinco fases não segue uma ordem estabelecida, esse processo é flexível, elas podem ser ampliadas ou ainda unirem-se. A sensibilidade intelectual do indivíduo é o que de fato determinará a melhor maneira de funcionamento das etapas do pensamento, pois “[...] qualquer verificação exterior particular não precisa ser final; pode servir de introdução a novas observações e novas sugestões, em conformidade com as consequências que lhe seguem.” (DEWEY, 1979a, p. 119.)

Nesse processo de análise do ato de pensar reflexivamente podemos perceber os conceitos de continuidade e interação da reflexão tão importantes na filosofia de Dewey. Traremos esse conceito mais detalhadamente no capítulo dois do nosso trabalho. Prova da presença da continuidade na reflexividade está em analisar que:

[...] a reflexão é uma operação em que, de um lado, os fatos, de outro, o significado, são extraídos através de uma constante interação entre uns e outros. Cada novo fato descoberto desenvolve, verifica e modifica uma ideia; e cada nova ideia e novo matiz de ideia conduz a nova investigação, que traz a luz novos fatos, modificando nossa compreensão dos fatos antes observados. (DEWEY, 1979a, p. 166).

Podemos afirmar que a ação de pensar reflexivamente, por meio de um processo lógico e cuidadoso resulta em conhecimento, em desenvolvimento intelectual, é experiência. Portanto, concluímos que o pensamento reflexivo deweyano é conduzido por um processo lógico constituído por: uma situação indeterminada que bloqueia a ação, “[...] a consciência de um problema, a observação das condições, a formação e a elaboração racional de uma conclusão hipotética e o ato de a pôr experimentalmente em prova.” (DEWEY, 1979b, p. 166). São fatores que nos guiam para utilizar corretamente o pensamento reflexivo com instrumento em nossas experiências.

Pelo pensamento prevemos as consequências futuras da experiência sofrida, se essas consequências causarem mudanças no mundo, então podemos dizer que

tal experiência é valiosa, “[...] não pode haver dúvida de que umas poucas ideias claras valem mais do que muitas ideias confusas.” (PEIRCE, 1974, p. 52). A experiência refletida não muda apenas o indivíduo, muda a sociedade e conseqüentemente o mundo.

1.5. Pensamento reflexivo e liberdade

O desenvolvimento intelectual do homem depende do ritmo do seu entendimento individual acerca do que se estuda. Os seres humanos são dotados de características individuais que tornam cada pessoa única. Portanto, não aprendemos de forma linear, podemos usar como exemplo uma sala de aula com vários estudantes. Ao final de uma explicação o professor consegue perceber que nem todos os seus alunos compreenderam o conteúdo com a mesma intensidade. O pensamento reflexivo é formador desse progresso, o indivíduo sente, experimenta e conclui.

O hábito do pensamento reflexivo tem como uma de suas finalidades, exercer seu papel emancipador. É necessário que haja liberdade para aprender. A liberdade é o poder de agir independentemente sem amarras externas. Para Dewey a verdadeira liberdade é a intelectual e reside no poder do pensamento exercitado:

A verdadeira liberdade, suma, é intelectual; reside no *poder do pensamento exercitado*, na capacidade de ‘virar as coisas ao avesso’, de examiná-las deliberadamente, de julgar se o volume e espécie de provas em mãos são suficientes para uma conclusão e, em caso negativo, de saber onde e como encontrar tais evidências.(DEWEY, 1979a, p. 96, itálicos do autor).

Os homens e as mulheres verdadeiramente livres das amarras dos preconceitos, são capazes de vasculhar com curiosidades o mundo a sua volta. Resolver problemas torna-se mais simples para os que fazem uso do pensamento reflexivo como instrumento para refletir sobre suas experiências e já desenvolveram o hábito de pensar reflexivamente. Essa forma livre e consciente de pensar fortalece o modo de vida democrático.

Ser livre não significar fazer o que bem se entende, mas, pelo contrário, é agir com responsabilidade social. Muitas pessoas pensam a liberdade, não como uma liberdade intelectual e cultural (pensar com liberdade), mas um capricho que lhe serve para livrar-se das responsabilidades da vida coletiva. Dewey diz que, o “problema é o de saber que espécie de cultura é tão livre em si própria que concebe e gera a

liberdade política, a qual se faz seu acompanhamento e consequência.” (DEWEY, 1970, p. 100). Liberdade para Dewey é um conceito essencialmente social ligado a inteligência. Ser livre não é apenas ir e vir, mas a pensar, desejar e agir livremente.

Assim como Dewey é amante da democracia e da liberdade, o nosso reconhecido educador brasileiro Paulo Freire também o é. Ambos desejam essas duas coisas para todo indivíduo, independente das secções feitas por preconceitos, que na sua maioria são gerados por convenções sociais e pelo individualismo. Dewey afirma que, para que haja democracia e liberdade é preciso a “[...] emancipação moral, pois esta, até agora, é apenas nominal entre nós.” (DEWEY, 1970, p. 100). A imposição de uma moral conservadora sobre a cultura e a educação destrói a prática da liberdade e da democracia em qualquer nação.

Citando novamente Freire, entendemos a democracia como a análise dos problemas comuns, e assim como para Dewey, Freire concebe a democracia como uma forma de vida. “Freire defendeu teórica e praticamente uma educação como prática de liberdade, uma prática democrática, dialógica e reflexiva sobre os problemas concretos que afligem o povo brasileiro.” (MURARO, 2013, p. 828).

Quando lemos os escritos de Paulo Freire percebemos traços da filosofia deweyana. Embora não sendo um pragmatista, mas como um grande estudioso teve contato com os escritos Dewey por meio dos trabalhos de Anísio Teixeira, e também durante o tempo em que ficou exilado nos Estados Unidos. Neste sentido, Muraro (2012) nos fala que:

[...] a educação é, para ambos, a transformação da própria vida, entendida por Dewey como ampliação das possibilidades de vida pela aquisição da capacidade de pensar reflexivamente os problemas e por Freire como desenvolvimento da consciência crítica que problematiza a própria realidade como condição de superação das condições históricas opressoras do sistema capitalista. Neste sentido, Freire torna mais precisa as condições de possibilidade da vida democrática. (MURARO, 2012, p. 224).

Freire diz que, por meio da reflexão crítica baseada na relação consciência-mundo, o indivíduo é capaz de fazer e refazer esse mundo. Se ele não tiver essa consciência e aceitar o mundo como “feito” mergulhará na escuridão:

A criação da nova realidade, tal como está indicada na crítica precedente, não pode esgotar o processo da conscientização. A nova realidade deve tomar-se como objeto de uma nova reflexão crítica. Considerar a nova realidade como algo que não possa ser tocado

representa uma atitude tão ingênua e reacionária como afirmar que a antiga realidade é intocável. (FREIRE, 1980, p. 27).

Podemos perceber que o conceito de continuidade também se encontra presente na afirmação de Freire de que a nova realidade deve ser submetida a análise feita pela reflexão, pois essa realidade não é única e finda. Tanto Dewey como Freire têm preocupações semelhantes. “Preocupam-se com problemas oriundos da sociedade dividida em classes cuja concepção educacional dominante deseduca indivíduos das classes mais baixas impedindo-os em seu crescimento e realização.” (NASCIMENTO, 2017, p. 218). Nesse sentido, podemos afirmar que os dualismos são grandes obstáculos para o desenvolvimento de uma sociedade verdadeiramente livre e democrática.

1.6. O hábito de pensar reflexivamente

O pensamento reflexivo é um instrumento que analisa o curso das experiências, sua capacidade de causa e efeito. Ele organiza o curso concatenado dos acontecimentos, num “[...] desejo de desenvolvimento contínuo.” (DEWEY, 1979b, p. 57).

Dewey afirma que o ser humano aprende o hábito de aprender. Segundo ele:

O aprender a prática de um ato, quando não se nasce sabendo-o, obriga a aprender-se a variar seus fatores, a fazer-se combinações sem conta destes, de acordo com a variação das circunstâncias. E isso traz a possibilidade de um contínuo progresso, porque, aprendendo-se um ato, desenvolvem-se métodos bons para outras situações. Mais importante ainda é que o ser humano adquire o hábito de aprender. Aprender a aprender. (DEWEY, 1979b, p. 48).

Como foi dito anteriormente para Dewey o pensamento reflexivo é a melhor e mais eficiente maneira de pensar. E a formação de hábitos é a capacidade de aprender com a experiência, “[...] a plasticidade é a faculdade de reter e extrair da experiência anterior elementos que modificarão os atos subsequentes. Isto significa a capacidade de contrair hábitos ou desenvolver determinadas atitudes.” (DEWEY, 1979b, p. 49).

A experiência do pensamento reflexivo cria o hábito de pensar reflexivamente. “Os hábitos ativos subentendem reflexão, invenção e iniciativa para dirigir as aptidões a novos fins.” (DEWEY, 1979b, p. 57)

O ato de pensar racionalmente é o que difere o ser humano dos demais seres vivos que agem por instinto, para sua sobrevivência, não sendo capazes de preverem e planejarem os acontecimentos futuros de sua vida, “[...] os homens são capazes de agir conscientemente sobre a realidade objetivada. É precisamente isso, a ‘práxis humana’, a unidade indissolúvel entre minha ação e minha reflexão sobre o mundo.” (FREIRE, 1980, p. 25).

O pensamento reflexivo é dotado de valores que emancipam o indivíduo que sabe da sua importância, libertando-o da ação puramente impulsiva e de caprichos. Por meio da reflexão é possível planejar uma ação futura, prever suas consequências com a intenção de alcançar um objetivo, dessa forma interferindo e mudando as possíveis consequências dessa ação. O ser humano livre é um ser social que por conta de suas ações age no ambiente a que pertence.

Há fatos que devemos considerar com relação as atitudes e decisões tomadas por pessoas que possuem o conhecimento acerca do processo da formação do pensamento reflexivo que têm consciência da importância desse pensamento, reconhecem que a dúvida move a inquirição e a procura por respostas que a esclareçam, mas que tem “[...] a tendência de acreditar no que se harmoniza com seu desejo.” (DEWEY, 1979a, p. 37)

Dewey afirma que temos dificuldades em aceitar ideias que são contrárias as nossas, ou tomamos como verdade o que gostaríamos que fosse. “Tomamos como verdade o que nos agradaria que o fosse, ao passo que acolhemos de má vontade as ideias contrárias as nossas esperanças e aspirações.” (DEWEY, 1979a, p. 37). Quando criamos o hábito de pensar reflexivamente deixamos a intolerância de lado e nos tornamos flexíveis a novas ideias.

Por esse motivo sentimos a necessidade de ressaltar o quanto é importante o papel da escola no aprendizado da democracia, a fim de, garantir a liberdade de expressão, de crença, e o incentivo à cultura nas suas mais diversas formas. A garantia da liberdade por meio da democracia e das artes são importantes instrumentos no combate às falsas crenças.

Sistemas de governo, mídias tendenciosas e rede sociais com o interesse de manter as crenças em suas ideologias, preservando personalidades que servem a seus interesses ou frágeis teorias, são fatores capazes de manipular resultados na tentativa de evitar que a verdade dos fatos desmonte o mundo criado por essas mentiras.

A força do hábito fará, muitas vezes, com que o homem mantenha velhas crenças, mesmo depois de adquirir condição de perceber que elas são desprovidas de base sólida. A reflexão permitirá, entretanto, domínio sobre esses hábitos e o homem deve conceder à reflexão o seu peso total. (PEIRCE, 1975, p. 88).

Seria ingênuo pensar que todas as pessoas que conhecem a forma de pensar reflexivamente, bem como a estrutura desse pensamento também sejam éticas. “Qualquer pessoa observadora notará todo dia, tanto em si como em outros, a tendência de acreditar no que se harmoniza com o seu desejo.” (DEWEY, 1979a, p. 37) A resistência a novas ideias, muitas vezes, e mais do que uma teimosia ou hesitação diante do novo, é problema ético. Peirce afirma que:

Tenha-se em conta, entretanto, acima de tudo, que mais saudável do que qualquer crença particular é a integralidade de crença e que evitar o exame da base de qualquer crença por temor de que ela possa mostrar-se apodrecida é tão imoral quanto desvantajoso. (PEIRCE, 1975, p. 88)

Segundo Freire, o que tem força para mudar essa influência manipuladora, é a conscientização. “A conscientização não pode existir fora da ‘práxis’, ou melhor, sem o ato ação-reflexão. Esta unidade dialética constitui, de maneira permanente, o modo de ser ou de transformar o mundo que caracteriza os homens.” (FREIRE, 1980, p. 26)

Os que sustentam atitudes e são resistentes a aceitar novos pontos de vista tentem a enfraquecer sua independência de juízo. Estão predispostos a viver sob a tutela do pensamento alheio, a aceitarem e defenderem crenças duvidosas.

Está, sem dúvida, em lamentável estado de espírito a pessoa que admite a existência de uma coisa chamada verdade, distinta da falsidade simplesmente pelo fato de que, se agirmos fundados nela, de olhos abertos, chegaremos ao ponto desejado e não nos perderemos e que, não obstante convencida disto, ousa desconhecer a mesma verdade e busca evitá-la. (PEIRCE, 1975, p. 88-89).

Tais atitudes são barreiras que impedem o hábito do pensamento reflexivo. Para desenvolver esse pensamento não podemos estar apegados às nossas ideias, vontades e paixões e tratá-las como se fossem imutáveis. Nem ter o desejo de estarmos sempre certos, “[...] isto é, temos que ter, como objeto de nossa reflexão, nossas experiências ou as experiências de outros sujeitos no campo que estamos

tentando entender melhor.”. (FREIRE, 2011a, p. 144). O que devemos desejar de fato é a experiência da investigação e da verificação.

Certamente não é fácil colocarmos em dúvida crenças que nos foram apresentadas durante nossa vivência por autoridades que respeitamos, como nossos pais, a religião, os professores ou ideologias dominantes do grupo social a que fazemos parte. Segundo Dewey, há:

[...] homens e mulheres que guiam seus objetivos pelo que observam em volta. Aceitam os objetivos indicados por professores religiosos, autoridades políticas e pessoas que na comunidade têm prestígio. A muitos parece que seria uma espécie de rebelião moral e anarquia deixar de adotar tal orientação. (DEWEY, 1964, p.29).

Então, como abrir nossa mente para novas ideias? Como derrubar a barreira da resistência solidificada no preconceito e na intolerância? Para Dewey, é necessário que haja uma disposição e o desejo pessoal para superar tais obstáculos. A reflexão sobre nossas crenças possibilita fazermos escolhas.

1.7. Pensamento reflexivo e ético

Segundo Dewey, ter conhecimento das melhores formas de pensamento não é o suficiente para garantir que quem os tem pensará corretamente. O pensamento reflexivo não acontecerá “[...] se não estiver pessoalmente animado por certas atitudes dominantes de seu próprio caráter.” (DEWEY, 1979a, p. 38). Esse pensamento requer tratamento ético e solidário. Desprovido de atitudes egoístas. “Não há estritamente falando um ‘eu penso’, mas um ‘nós pensamos’. Não é o ‘eu penso’ o que constitui o ‘nós pensamos’, mas, pelo contrário, é o ‘nós pensamos’ que me faz possível pensar.” (FREIRE, 2011a, p. 141). A preocupação com o social é um aceno ao bom caráter.

Dewey apresenta três atitudes que devemos cultivar para desenvolver os melhores métodos de investigação e verificação. Tais atitudes são pessoais, traços de caráter e qualidades morais. São elas: o espírito aberto, de todo coração e a responsabilidade. Além de conhecer os métodos para melhor desenvolver o hábito de pensar reflexivamente é necessário que haja a disposição pessoal e o desejo de aplicá-los.

Na primeira atitude, o espírito aberto, devemos estar livres de preconceitos para que dessa forma possamos considerar novos problemas e novas ideias, criar

contatos para desenvolver o amadurecimento intelectual e despertar a curiosidade responsável pela essência do espírito aberto, que:

[...] Inclui um desejo ativo de prestar ouvidos a várias vozes, que não a uma só; de pôr o sentido nos fatos, de qualquer fonte que venham; de conceder inteira atenção a possibilidades alternativas; de reconhecer a probabilidade de erro nas crenças que nos são mais caras. (DEWEY, 1979a, p. 39).

Para desenvolver a atitude “de todo o coração” é preciso dedicação, pois ela envolve emoções que fazem parte do processo do pensamento, e que promovem o envolvimento e o entusiasmo com a reflexão. Trata-se do “[...] entusiasmo genuíno que é atitude que opera como força intelectual. O professor que despertar tal entusiasmo em seus alunos conseguiu algo que nenhuma soma de métodos sistematizados, por corretos que sejam, poderá obter.” (DEWEY, 1979a, p. 39-40, acréscimos nosso).

Finalmente a terceira atitude, a responsabilidade intelectual, que entendemos como aquele componente moral que faz o ser humano analisar as consequências e responder pelos seus atos e ainda, concluir suas atividades.

Responsabilidade. [...] é, comumente, conhecida como traço moral, mais do que recurso intelectual. Contudo, é uma atitude necessária para a conquista de uma base adequada ao desejo de novos pontos de vista e novas ideias, bem como para a conquista do entusiasmo pela matéria, da capacidade de absorvê-la. (DEWEY, 1979a, p. 40, grifo do autor).

O ato de pensar reflexivamente irrigado pelas atitudes citadas ajudam a formar indivíduos receptivos, críticos e democráticos, “[...] são de si mesmas, qualidades pessoais, traços de caráter.” (DEWEY, 1979a, p. 42). Essa atitude representa a maneira de como são tratadas as consequências previstas e analisadas por meio da reflexão, bem como direcionar a ação.

1.8. Pensamento reflexivo político e democrático

O ambiente escolar é o espaço onde o pensamento reflexivo deve se tornar um hábito, onde os estudantes sejam estimulados por seus professores a questionar, a investigar, a experimentar, sentindo que nesse ambiente a educação é respeitada. “As escolas, todavia, continuam sendo o exemplo típico do meio especialmente

preparado para influir na direção mental e moral dos que as frequentam.” (DEWEY, 1979b, p. 20).

Educar é também um ato político porque se realiza no contexto das relações sociais onde se manifestam os interesses das classes sociais. O conhecimento não é adquirido, simplesmente sendo transmitidos e decorando manuais. Quando a educação começa formar pessoas conscientes, autônomas, críticas e zelosas pela democracia, aparecem representantes dos interesses das classes dominantes para podá-la, para combatê-la.

Diante da proposta do Programa Escola sem Partido⁶, pensar reflexivamente é uma tarefa urgente da qual o professor e a escola não podem abrir mão. A democracia é para Dewey a experiência de participação voluntária e cooperativa para resolver os problemas que a sociedade apresenta, pois “[...] é somente a experiência de participar voluntária e cooperativamente em grupos para resolver problemas e aproveitar oportunidades, que pode apontar para o indivíduo a necessidade de um espaço público democrático.” (FRANCO, 2008, p. 21).

Ao participar dos problemas coletivos e comunitários o indivíduo toma consciência da responsabilidade e da necessidade de cooperação e da sua condição de agente político democrático.

Dewey nos alerta sobre os impeditivos à prática democrática tais como a “Intolerância, abuso, ofensas pessoais por causa de diferenças de opinião sobre religião ou política ou negócios, bem como por causa de diferenças de raça, cor, riqueza ou nível cultural são uma traição ao modo de vida democrático.” (DEWEY, 2008, p. 139). Tal intolerância deve ser combatida no ambiente escolar. A escola democrática tem o dever de promover a inclusão e a diversidade.

Ao propor a radicalização da democracia, Dewey quer trazer à tona o caráter cooperativo e comunitário de uma vida democrática. Segundo Augusto de Franco, “Dewey percebeu que toda democracia é local, no sentido de que a democracia é um projeto comunitário. Ele não tinha, como é óbvio, as palavras atuais para descrever o

⁶ A proposta de Lei Escola Sem Partido tem como pano de fundo enfraquecer o diálogo no ambiente escolar, acusando os professores de imposição ideológica, política e religiosa. A proposta era incluir na LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional o Programa Escola sem Partido que proíbe a discussão, o debate e o diálogo na sala de aula acerca dos partidos políticos e de outros temas ligados à religiosidade e moralidades como por exemplo, a discussão de gênero. O programa foi proposto e retirado de pauta no Senado pelo senador Magno Malta do PR-ES.

que pensava, mas farejou os conceitos – como se ouvisse ecos do futuro.” (FRANCO, 2008, p. 23).

Em seu texto *A democracia é radical, de 1937*, Dewey critica a manipulação da democracia e do liberalismo pelos ideais capitalistas e que os denominados Estados democráticos alcançaram uma democracia burguesa no qual o “poder reside, em última instância, nas mãos do capitalismo financeiro, a despeito das reivindicações que são feitas por um governo do povo, pelo povo e para o povo” (DEWEY, 2008a, p. 129-130). Dessa forma, um sistema que de fato seja feito pelo povo e para o povo ainda não foi alcançado.

O que a história mostra, de acordo com Dewey, é que a “[...] ascensão de governos democráticos tem acompanhado a transferência de poder dos interesses agrários para os interesses industriais e comerciais.” (DEWEY, 2008a, p. 130). Nesse sentido a democracia tem servido muito mais ao mercado econômico do que a emancipação humana.

Essa mudança denominou-se liberalismo, tal transferência de poder se deu com lutas e os representantes dos interesses industriais e comerciais legitimaram sua luta assegurando que suas causas eram em nome da liberdade e da livre escolha e iniciativa dos indivíduos. Os liberais ou partidos liberais “[...] eram aqueles que lutavam pelo máximo de ação econômica individualista com um mínimo de controle social, e assim o faziam no interesse daqueles empenhados na produção e comércio.” (DEWEY, 2008a, p. 130).

Essa perspectiva liberal para Dewey está ultrapassada e se constitui uma insensatez social, pois falhou na realização dos ideais de liberdade e individualidade, dando poder para poucos legislar sobre a vida e os pensamentos de muitos. O próprio sistema econômico traz consigo a repressão da liberdade e vem criando barreiras para o desenvolvimento da própria individualidade.

Dewey fala que, conceber o homem como um ser individual é um erro, porque tal homem não existe, assim como pensar na “simpatia” como uma característica “[...] de um indivíduo, por natureza, isolado, mas digamos, com alguma tendência para combinar com outros para o efeito de conseguir proteção contra alguma coisa que ameaçasse o seu próprio eu privado.” (DEWEY, 1970, p. 115). O autor afirma que a cooperação, “[...] chamada fraternidade na fórmula clássica francesa – é tanto uma parte do ideal democrático, quanto a iniciativa pessoal.” (DEWEY, 1970, p. 115). Não somos egoístas natos, somos seres sociais.

Barreiras também são lançadas no campo educacional, o sistema econômico tem interesses, que muitas vezes visam apenas uma formação técnica.

A eficiência da produção exige com frequência a divisão do trabalho. Mas este se reduzira a uma rotina maquinal se o trabalhador não vir as relações técnicas, intelectuais e sociais encerradas naquilo que está fazendo, em relação às demais partes do trabalho, e não se dedicar a seu trabalho por essa compreensão. A tendência a reduzir coisas como a eficácia da atividade e a organização científica do trabalho a técnicas puramente externas é a prova do ponto de vista unilateral que possuem os que dirigem a indústria – aqueles que lhe determinam os fins. Alheados de largos e bem equilibrados interesses sociais não têm eles estímulo intelectual suficiente para se voltarem aos fatores e relações humanos envolvidos na atividade industrial. **As ideias a esse respeito restringem-se aos elementos referentes à produção técnica e à comercialização dos produtos.** (DEWEY, 1979, p.91).

Tais sistemas não têm como objetivo formar hábitos de pensamento crítico e reflexivo por meio da educação, pois o ser humano verdadeiramente livre é capaz de analisar criticamente o ambiente do qual faz parte a fim de mudá-lo.

Dewey é um filósofo com grande responsabilidade social, sem dúvida um defensor da livre participação do indivíduo na construção da sociedade voltada ao bem comum. Para ele, essa tomada de consciência é possível por conta da inteligência humana, por meio da reflexão. No universo deweyano a educação tem “[...] a importante tarefa de reorganizar, de reconstruir a experiência democrática de vida.” (AMARAL, 2007, p. 80)

O liberalismo político, econômico ou industrial ou o capitalismo não se apresenta como condição para o estabelecimento da democracia. A proposta democrática do liberalismo acaba por se perder quando ele se constituiu como um sistema competitivo, excludente, consumista e acumulativo, típico do individualismo capitalista.

Segundo Cunha (2001):

Dewey entende que estão equivocados todos aqueles que procuram justificar a democracia por meio daquilo que se observa no capitalismo, como se democracia e capitalismo fossem irmãos siameses. Atribuir os fundamentos desse regime econômico a inclinações essenciais do homem, originárias da natureza humana, como o espírito empreendedor e competitivo, a avidez por lucros etc., é uma consequência do movimento reverso, nada além de uma psicologia deduzida da vivência do homem no mundo capitalista, uma

psicologia que retorna em seguida para comprovar sua óbvia veracidade. Utilizar essas mesmas inclinações humanas para justificar a democracia é uma tentativa inútil – ou mal-intencionada. (CUNHA, 2001, p. 51).

Sentimos a necessidade de lembrar que, embora o nome John Dewey seja associado ao liberalismo estadunidense, sua concepção sobre esse sistema refuta o dualismo indivíduo e sociedade. Nascimento (2017), nos lembra que a ideia de liberalismo representa oposição às formas de reprodução de hierarquias políticas, sociais, culturais e conceituais. No século XX o liberalismo que, no século anterior, representava o livre comércio, passou a defender as liberdades individuais independente das vontades sociais. Para o autor esse dualismo põe em risco o modo de vida democrático:

Dewey era mais radical que maioria dos intelectuais liberais porque concedia um valor mais alto à solidariedade do que a independência. Nunca foi um socialista, entretanto, suas ideias sociais e políticas estão mais próximas do socialismo do que do *New Deal*. Dewey refletiu acerca da sociedade em constantes transformações e a persistência, no seu modo de ver, de noções antigas de individualismos neste novo contexto era causa de muitas confusões, perturbações e conflitos, às vezes violentos. (NASCIMENTO, 2017, p. 39-40)

Dewey salienta que, inclusive, as ditaduras afirmam assegurar para os indivíduos desenvolvimento pessoal, mas essa não é uma proposta regida por uma experiência reflexiva, ética e democrática. A democracia não se reduz a suas finalidades, mas suas finalidades se tornam meios para novos objetivos, seus fins são seus próprios meios: “[...] os meios democráticos e a realização dos fins democráticos são unos e inseparáveis.” (DEWEY, 2008a, p. 132).

O problema do poder, para Dewey, é que aqueles que o possuem nunca o renunciam, a não ser por força física e isso acaba justificando as ditaduras que “[...] alegam agir em nome das massas oprimidas quando na verdade atuam para exercer o poder contra as massas” (DEWEY, 2008a, p. 132). A democracia tem sido usada erroneamente ao longo da história. Vários governos pelo mundo se dizem democráticos, entretanto estão longe de serem.

O sistema capitalista deu tanta ênfase ao aproveitamento do potencial material que os “[...] recursos não aproveitados são agora os humanos ao invés dos materiais [...]” (DEWEY, 2008b, p. 136). Esse desperdício pode ser encontrado em

“[...] homens e mulheres adultos que não têm a chance de trabalhar, e nos rapazes e moças jovens que encontram portas fechadas onde antes havia oportunidade.” (DEWEY, 2008b, p. 136).

Segundo Dewey:

Não há oposição na defesa de meios democráticos liberais combinados com fins que são socialmente radicais. Não apenas não existe contradição, mas nem a história nem a natureza humana dão motivos para se supor que fins socialmente radicais possam ser atingidos por outros meios que não os meios democráticos liberais. (DEWEY, 2008a, p. 132)

Dewey não via os fins democráticos serem alcançados por nenhuma sociedade de seu tempo. Para isso acontecer, segundo ele, seria necessária “[...] uma enorme mudança nas instituições sociais, econômicas, jurídicas e culturais existentes” (DEWEY, 2008a, p. 132). Teria de haver uma mudança radical nas instituições, inclusive na escola que deveria ser espaço da experiência democrática por excelência por ser ambiente de desenvolvimento da inteligência social. Por isso ele usa o termo *democracia radical*.

Alcançar a *democracia* é torná-la um modo de vida pessoal e isso, segundo Dewey, não envolve algo novo, mas talvez uma postura nova, conferindo um novo sentido prático para as velhas ideias. Quando os ideais democráticos deixam de ser somente ideais e passam a ser praticadas:

[...] significa que os inimigos poderosos atuais da *democracia* podem ser confrontados com sucesso apenas pela criação de atitudes pessoais nos seres humanos individuais; que devemos superar nossa tendência de pensar que sua defesa pode ser encontrada em meios externos quaisquer, sejam militares ou civis, se eles estiverem separados de atitudes individuais arraigadas a ponto de constituir o caráter pessoal (DEWEY, 2008b, p. 138).

É importante estabelecer o pensamento reflexivo como um fim educacional, pois por meio do ato de pensar é possível refletir sobre causas e consequências em diferentes situações e chegar a conclusões de acordo com seus objetivos de forma consciente e planejada.

Dewey explica que há uma dimensão ética que embasa a prática democrática, caracterizada pelas três atitudes desenvolvidas no tópico anterior, para criar o hábito de pensar de maneira reflexiva – espírito aberto, interesse absorvido ou de todo o coração e responsabilidade. Para desenvolver esse hábito os estudantes não podem

estar alheios ao que acontece em sala de aula, com o pensamento voltado para interesses externos ou desejos imediatos.

Segundo Dewey seu interesse não pode estar dividido, devendo dar importância ao objeto da reflexão:

Quando alguém está absorvido, o assunto o transporta. Perguntas espontâneas lhe ocorrem; uma torrente de sugestões o inunda; depara e segue outras pesquisas e leituras; não precisando despende energia em prender o espírito ao assunto [...] é a matéria que o prende, imprimindo ao ato de pensar um impulso para frente. O entusiasmo genuíno é atitude que opera como força intelectual. (DEWEY 1979a, p 40).

O autor pensa a escola como um ambiente ético e inteligente, ambiente que instiga e possibilita o desenvolvimento de um pensamento mais crítico e reflexivo de forma organizada e democrática, tendo em vista os interesses de todos os seus integrantes em igualdade de importância.

É preciso ir além, libertar-se da dominação das castas dirigentes. “Não basta fazer-se que a educação não seja usada ativamente como instrumento para facilitar a exploração de uma classe por outra.” (DEWEY, 1979b, 105). O acesso às escolas públicas e ao ensino de qualidade deve ser assegurado pelo estado, de forma eficaz que, diminua as desigualdades sociais e possibilitem aos estudantes igualdade de formação para suas futuras carreiras.

1.9. Pensamento Reflexivo e formação de docente

As formulações de John Dewey sobre o pensamento reflexivo, vão fundamentar a visão de formação de professores, que busca romper com a racionalidade técnica e, assim propor por meio de uma racionalidade reflexiva favorecendo a construção de um ambiente democrático, a participação coletiva e proporcionar a esses profissionais experimentarem novas formas de gerir seu trabalho no meio social. Daí a pergunta: É possível uma educação na democracia e para a democracia sem professores reflexivos?

Tal questionamento nos ocorreu quando iniciamos as leituras de textos de John Dewey, sobretudo o livro *Democracia e Educação*, mais precisamente nas leituras sobre a concepção democrática de educação e experiência e pensamento, no

qual ele discute o papel do professor reflexivo e propõe a necessidade de uma educação para e na democracia.

Para Dewey, só se pode alcançar a democracia experimentando ações democráticas, pois democracia, não se restringe a uma forma de governo, mas está ligada ao um modo de vida. Só é possível alcançar a democracia praticando a democracia. “Não é possível tomar um atalho autocrático para uma sociedade democrática. A democracia é, como ele diz, simultaneamente, meio e fim, constituindo-se, portanto, como alternativa de presente” (FRANCO, 2008, p. 13-14)

Para Dewey, trabalhar o ideal democrático na sociedade, ele recorreu à educação como um fenômeno de extrema importância, capaz de proporcionar um espaço democrático, isto é, um espaço para todos, inclusive o “homem comum” numa aposta nas relações sociais com fé que todas as pessoas tenham a capacidade de gerir suas vidas sem a imposição dos outros membros desde que, sejam oferecidas condições para isso.

A educação seria então esta condição ou pelo menos parte dela:

[...] a necessidade de fornecer condições que possibilitem que essas capacidades realizem-se. A fé democrática na igualdade humana é a crença que todo ser humano, independente da quantidade ou extensão de seu dom pessoal, tem direito a uma oportunidade igual a todas as outras pessoas para desenvolver os talentos que possui (DEWEY, 2008b, p. 138).

Dewey foi um dos maiores defensores da democracia por ter afirmado que é possível conceber uma sociedade melhor, quando ela se apoia nos princípios de uma vida democrática que, é a única forma de vida humana digna e não se pode pensá-la sem antes nos preocuparmos com a educação. Pois acreditar na democracia é acreditar na capacidade do ser humano de se autogerir desde que haja condição para isso e, a educação é o instrumento social que pode fornecer essa condição:

Quanto ao aspecto educativo, observaremos primeiro que a realização de forma de vida social em que os interesses se interpenetram mutuamente e em que o progresso, ou readaptação, é de importante consideração, torna a comunhão democrática mais interessada que outras comunhões na educação deliberada e sistemática. O amor da democracia pela educação é um fato cediço (DEWEY, 1979b, p. 93).

Numa sociedade com aspirações democráticas o processo educativo estaria de acordo com esse ideal, as experiências escolares seriam experiências refletidas e comunicadas. Dewey afirma que uma sociedade “deve procurar fazer que as

oportunidades intelectuais sejam acessíveis a todos os indivíduos, com iguais facilidades para os mesmos [...] assim, a democracia é mais do que uma forma do governo, é uma forma de vida associada, de experiência conjunta e mutuamente comunicada” (DEWEY, 1979b, p. 94). É por meio de uma educação igualitária que que abrimos caminho para um modo de vida digno.

As oportunidades de desenvolvimento não deveriam se restringir a um grupo, as ações democráticas pautam num interesse mútuo e não individualista. Apostar na democracia é confiar nas ações e capacidades do “homem comum” de guiar sua vida, é apostar na natureza humana, nas relações livres e mútuas da vida em sociedade e não de relações coercitivas. Estão equivocados aqueles que procuram justificar a democracia com base apenas na liberdade e no bem estar individual.

Desta forma o processo educativo não se basearia numa formação de hábitos democráticos para uma vida futura, mas numa constante experimentação de práticas democráticas que são possíveis num contexto onde há participação coletiva. Por isso, a importância da instituição educacional como garantidora das condições da ação democrática.

Para Dewey, a educação democrática é aquela na qual a igualdade de oportunidades é um elemento fundamental, isto é, todos os indivíduos presentes no processo de ensino e aprendizagem devem ter a mesma oportunidade de ensino. O processo educativo, no contexto democrático, tende a formar no aluno atitudes democráticas que se estenderiam para a prática nas suas mais diversas ações sociais cotidianas. “Devem assegurar-se as facilidades escolares com tal amplitude e eficácia que, de fato, e não em nome somente, se diminuam os efeitos das desigualdades econômicas e se outorgue a todos os cidadãos a igualdade de preparo para suas futuras carreiras.” (DEWEY, 1979b, p. 105).

Essas atitudes se desenvolveriam num ambiente democrático de modo a proporcionar a troca entre as diferentes experiências individuais, onde o aluno, ao se encontrar com os outros colegas, se enriqueceria compartilhando as experiências, ocorrendo assim, relações em que um aprende com o outro e respeita a experiência individual de cada um.

Em Dewey, a democracia não se aprende somente na escola, mas numa sociedade que pratica a democracia. A escola é então uma sociedade em miniatura, proporcionando a reconstrução da experiência para as novas experiências.

Destarte, a escola é um ambiente especial onde se forma o estudante para o agora, para reconhecer sua condição de desenvolvimento ainda imaturo, assumindo a responsabilidade pelo seu crescimento, para a aquisição de valores e para a intervenção social como membro dessa sociedade. Isso torna-se possível quando esse estudante se apropria do hábito de pensar reflexivamente.

CAPÍTULO II

A DEMOCRACIA E A EXPERIÊNCIA NO PROCESSO EDUCATIVO

Nesse capítulo nosso objetivo é analisar o conceito de experiência para pensar como conduzir o processo da experiência reflexiva tendo em vista a formação de alunos sensíveis e críticos aos problemas sociais. Dessa forma, o aluno terá liberdade para pensar e experimentar, porém, nem toda experiência é educativa. Dewey nos alerta que, experiência e educação não são termos semelhantes:

A crença de que toda educação genuína se consuma através de experiência não quer dizer que todas as experiências são genuínas e igualmente educativas. Experiência e educação não são termos que se equivalem. Algumas experiências são deseducativas. (DEWEY. 1971, p. 14)

É função da educação ser a responsável por proporcionar experiências reflexivas genuínas. Tais situações são capazes de criar nos estudantes o hábito de pensar experimentalmente. O pensamento reflexivo é o instrumento utilizado por Dewey para guiar uma experiência, esse movimento contínuo permite o desenvolvimento humano, e conseqüentemente social, pois, Dewey nega o dualismo indivíduo-sociedade.

Podemos afirmar que não existe experiência educativa sem a reflexão, assim como, não há pensamento reflexivo sem um problema que represente a interrupção da ação. Para Dewey, *“educação era a organização de experiências de crescimento em benefício da possibilidade de mais ricas experiências, aumentando a diversidade e a capacidade de inventividade humana.”* (GHIRALDELLI JR., 2002, p. 19, itálicos do autor). Quando esse ciclo se fecha partimos dessa vivência para novos problemas, conseqüentemente para novas experiências, em um processo que não se finda.

Dewey entendeu que para o desenvolvimento da democracia e de uma educação que concretizasse este ideal é necessário considerar a experiência. Assim, sua perspectiva pragmatista buscou romper com as filosofias que não consideram a experiência como o centro das problemáticas filosóficas. Para lidar com a experiência se faz necessário também mudar o método de pensar, nesse caso apelando ao método empírico como mais apropriado.

Nem sempre o método empírico foi aceito na filosofia, havia um certo preconceito por parte dos tradicionalistas sobre a experiência, como relata Dewey:

Antes que a técnica do método empírico fosse desenvolvida e adotada de maneira geral, era necessário demorar-se explicitamente sobre a importância da 'experiência' como ponto inicial e terminal, como colocando problemas e testando soluções propostas. (DEWEY, 1980, p. 6, aspas do autor)

Hoje sabemos da importância da experiência para o desenvolvimento em todas as áreas do conhecimento. Dewey em sua época esperava com otimismo que o método experimental chegasse à filosofia. De acordo com Cunha (2011), Dewey analisava que, o empirismo dos modernos teve, na verdade, uma conotação prática e, mesmo, política

2.1 Experiências que influenciaram John Dewey.

Antes de falarmos do conceito de experiência formulado por John Dewey, faremos uma breve tomada histórica da sua formação. Não temos a pretensão de trazer ao nosso texto um estudo biográfico do autor, mas apresentar ao leitor alguns aspectos da sua vida pessoal, da sua formação acadêmica e das interrelações como professor universitário, que tomamos conhecimento durante nossos estudos e que contribuíram para o seu amadurecimento intelectual.

Tais influências alicerçaram solidamente suas concepções filosóficas, como o próprio Dewey defendia, as experiências vividas nas relações com as pessoas e com o meio, o influenciou mais do que os livros. "Isso porque não podemos nunca perder de vista que, no todo do seu pensamento, as forças que o influenciaram vieram, segundo ele próprio nos diz, muito mais de pessoas e situações do que de livros." (AMARAL, 2007, p. 46). Partindo dessa afirmação percebemos a importância das experiências vividas para a formação do indivíduo enquanto um ser social.

Dewey nasceu em Burlington, Vermont, a 20 de outubro de 1859, onde seu pai era dono de um armazém. Os Dewey assim como toda comunidade a qual pertenciam eram congregacionalistas. No ambiente familiar ele teve a sua primeira experiência democrática, pois era habitual confiar pequenas tarefas às crianças a fim de que elas, desde cedo desenvolvessem um senso de responsabilidade coletiva, princípio que o acompanharia por toda vida. (AMARAL, 2007, p. 31-32).

Durante sua infância e adolescência, Dewey teve sua educação escolar baseada na educação conservadora, fundamentada na ordem, na disciplina e na passividade dos estudantes, da qual ele foi crítico na vida adulta por discordar da metodologia tradicional empregada em sala de aula. Nesse tipo de educação, os alunos recebiam a instrução de forma técnica, os conteúdos tinham um valor exagerado e o aprendizado acontecia pela memorização e imposição do externo para o espírito:

Chegamos agora a uma teoria que nega a existência das faculdades e exagera o papel exclusivo da matéria de estudo para o desenvolvimento mental e moral. A educação se efetua pela instrução tomada em sentido estritamente literal; é uma edificação feita, de fora para dentro, no espírito. Que a educação seja formadora do espírito, não há nenhuma dúvida; na teoria que propomos, isso já foi afirmado. Mas formação, na concepção que estamos a criticar, tem significado técnico, importando em alguma coisa a atuar do exterior. (DEWEY, 1979b, p. 75)

Outra forte influência na formação intelectual de Dewey e que lhe proporcionou experimentar o modo de vida democrático foi a convivência em uma comunidade de credo protestante congregacionalista. Os congregacionalistas eram comunidades autônomas onde prevalecia o espírito de igualdade entre todos os seus membros, os magistrados e os ministros eram eleitos o que dava a essa organização a forma de democracia religiosa, “[...] o que mantinha unida a comunidade era a crença na vinculação de cada indivíduo a Cristo e na solidariedade de uns para com os outros.” (CUNHA, 2011, p. 16). Desta forma todos da comunidade tinham a oportunidade de participar da escolha de seus líderes religiosos.

Ainda falando das influências que Dewey recebeu na sua vida pessoal, não poderíamos deixar de dar importância à participação de Alice Chipman (1858 - 1927) que se tornou sua esposa em 1886. Alice e John se conheceram na Universidade de Michigan, ela como aluna de literatura e ele como professor de Filosofia. Chipman ficou órfã muito cedo, sendo criada pelos avós maternos. A liberdade de opinião e a postura crítica quanto às condições e injustiças sociais sempre foram incentivadas por seus avós:

Alice não adotava uma religiosidade dogmática e acreditava que as instituições eclesásticas contribuam muito mais no sentido de

amortecer do que de promover a religiosidade natural das pessoas. Essa foi uma das influências intelectuais exercidas pela jovem esposa sobre Dewey. (CUNHA, 2011, p. 18).

Com relação às raízes filosóficas acadêmicas que fundamentaram a teoria deweyana, encontramos como um dos seus influenciadores Thomas H. Huxley um biólogo inglês lido por Dewey em suas aulas de fisiologia na Universidade de Vermont, por meio desse autor ele conheceu as teses darwinistas. Na teoria da evolução encontrou uma base racional para validar a fé na democracia, na unicidade entre os seres no mundo e onde exista igualdade, fez com que ele criticasse a ideia de dualidade, “[...] ela é também fruto dessa maneira inter-relacionada de conhecer os seres no mundo, onde cada um cumpre, através de organização própria, uma função definida em benefício do equilíbrio do todo.” (AMARAL, 2007, p. 41)

No ano de 1879, ele terminou o curso de bacharel em artes e em 1882 entra para a Universidade Johns Hopkins onde se doutorou em filosofia dois anos mais tarde. Nessa época, os Estados Unidos viviam o desenvolvimento da indústria e comércio. Tais acontecimentos influenciaram o ensino no país do pós-guerra civil e o pensamento de John Dewey (CUNHA, 2011, p. 17). Os ares de liberdade trazidos pelo progresso impulsionaram o desejo pelo modo de vida democrático.

Foi nesse período em Hopkins que por intermédio do professor G.S. Morris teve conhecimento da filosofia hegeliana. Os estudos do filósofo alemão trouxeram a Dewey um alívio imenso, pois proporcionaram o fundamento intelectual para consolidar sua fé na união do mundo. “[...] tanto um quanto outro parecem não admitir a existência de qualquer defasagem entre as exigências da fé e da razão, pois ambos parecem ansiar fervorosamente por um mundo uno.” (AMARAL, 2007, p. 44)

Seguindo sua trajetória profissional Dewey ingressou na Universidade de Michigan em 1884 a convite de Morris, aí permanecendo por dez anos. “O ambiente democrático dessa instituição, que incentivava as responsabilidades e a liberdade dos jovens diante do sistema de ensino, contribuiu para formar um dos pilares do pensamento deweyano.” (CUNHA, 2011, p. 17). Ainda nesse período conviveu com George H. Mead e com suas teses sobre psicologia. Para Mead a interação com o ambiente interferia nas funções do cérebro e do sistema nervoso, não sendo possível separar o organismo das terminações do ambiente.

Os escritos do filósofo e psicólogo William James (1842-1910), nos quais ele fundamenta a psicologia na biologia e de onde deriva sua concepção biológica da

mente, também foram de grande importância na construção do princípio de continuidade defendido por Dewey. Assim como James ele aceita a definição da psicologia como ciência da consciência e essa é mais bem descrita quando se utiliza desse princípio, pois une o indivíduo e o meio, o homem e o mundo:

O modelo biológico de adaptação do homem ao meio, requerido por Dewey para explicar o desenvolvimento das ações humanas, mesmo as de níveis culturais mais elevados, constitui um apoio racional dos mais sólidos para a consolidação da continuidade entre natureza e experiência. (AMARAL, 2007, p. 45).

Dewey faleceu aos noventa e dois anos de idade na cidade de Nova York em 1º de junho de 1952, não deixando apenas obras relacionadas à filosofia e à educação, mas também nas artes, na religião e na política, “[...] sua fidelidade à causa democrática o levou a participar de movimentos sociais [...]” (CUNHA, 2011, p. 16). De fato, como um grande defensor da democracia, Dewey também era um crítico da desigualdade social causada pelas dualidades.

Mesmo tendo passado a maior parte do tempo da sua vida nas universidades ele compreendeu que as escolas têm a função de regular a vida social. Por esse motivo dedicou parte da sua existência conhecendo a sociedade fora da escola. Dewey não foi influenciado apenas por pensadores do passado e por outros de seu tempo, por teorias e estudos acadêmicos, mas também sofreu as experiências vividas no seu cotidiano por meio das relações com as pessoas:

Concebia as transformações nas atitudes das pessoas, nas políticas públicas e nas estratégias de aculturação a partir desses aspectos interconectados: o desenvolvimento das comunidades livres e democráticas e de um melhor tipo de ser humano que se realizará em tais comunidades. (NASCIMENTO, 2017, p. 47).

Pela teoria da continuidade quando houve esse movimento de interação o filósofo foi influenciado e influenciou. O amadurecimento intelectual aconteceu de forma espontânea e democrática para ambos.

2.2 Experiência em Dewey

No capítulo anterior elencamos as fases do pensamento reflexivo descritas por Dewey. Retomamos, agora, de maneira sintética, conforme descritas pelo autor

as fases da experiência reflexiva. Percebermos o elo que existe entre ambas. Isto é, o que se refere aos aspectos gerais de uma experiência reflexiva. São eles:

1) perplexidade, confusão e dúvida, devida ao fato de que a pessoa está envolvida em uma situação incompleta cujo caráter não ficou plenamente determinado ainda; 2) uma previsão conjectural – uma tentativa de interpretação dos elementos dados, atribuindo-lhes uma tendência para produzir certas consequências; 3) um cuidadoso exame (observação, inspeção, exploração, análise) de todas as considerações possíveis que definam e esclareçam o problema a resolver; 4) a conseqüente elaboração de uma tentativa de hipótese para torná-lo mais preciso e mais coerente, harmonizando-se com uma série maior de circunstâncias; 5) tomar como base a hipótese concebida, para o plano de ação aplicável ao existente estado de coisas; fazer alguma coisa para produzir o resultado previsto e por esse modo pôr em prova a hipótese. (DEWEY, 1979b, p. 164-165).

A experiência é para Dewey o processo pelo qual a reflexão é capaz de conduzir o contínuo aperfeiçoamento. “É bem certo que crescimento e mais crescimento constituem o único fim moral para o autor.” (AMARAL, 2007, p. 116). A atividade reflexiva é definida pela capacidade da experiência de organizar o mundo concreto conforme as necessidades da vida humana e da capacidade humana de se adequar às condições oferecidas pelo meio.

Segundo Dewey (1980, p. 3), a “[...] natureza e a experiência convivem harmoniosamente juntas[...]”, promovendo um equilíbrio nessa relação. Segundo o autor, interação homem mundo enriquece o desenvolvimento da experiência. Por meio da experiência o homem conhece a natureza, “[...] penetra seus segredos, onde a natureza revelada empiricamente aprofunda, enriquece e dirige o desenvolvimento posterior da experiência.” (DEWEY, 1980, p. 3). O pesquisador utiliza o método empírico para conseguir resultados genuínos, aqueles que provocam transformação no mundo e acúmulo de significados ao sujeito.

Dewey (1980) faz uma análise de dois tipos de situações para as experiências humanas, a “experiência primária” e a “experiência secundária”. A primeira acontece de imediato, o contato inicial, a interação do organismo com o meio e a segunda é refletida, mais refinada.

A referida consideração de método poderá ser adequadamente principiada pelo contraste entre os objetos grosseiros, macroscópicos e rudes da experiência primária e os objetivos refinados, derivados, da reflexão. A diferença é a existente entre aquilo que é experimentado como o resultado de um mínimo de reflexão incidental e aquilo que é

experimentado em consequência de investigação reflexiva contínua e dirigida. Pois os produtos derivados e refinados experienciam-se somente por causa da intervenção do pensamento sistemático. Os objetos, tanto da ciência quanto da filosofia, obviamente pertencem principalmente ao sistema secundário e refinado. (DEWEY, 1980, p.7)

O processo de experimentação se move pela problematidade da interação com o mundo. Quando o indivíduo passa por uma experiência ele carrega esse momento com elementos internos, os sentimentos. Em todos os momentos da nossa vida, por toda ela, sofremos com nossas experiências. Aprendemos, reagimos e crescemos. E esse processo está sendo o tempo todo irrigado por emoções. Sentimos medo, ansiedade, alegria, tristeza, euforia e muitos outros sentimentos que agem subjetivamente em nossas experiências.

É significativo que “vida” e “história” possuam a mesma plenitude de sentido indiviso. Vida denota uma função, uma atividade compreensiva, em que organismo e ambiência acham-se incluídos. Somente em consequência da análise reflexiva resolve-se em condições externas – ar respirando, alimento consumido, terreno percorrido – e estruturas internas – pulmões respirações, estômago digerindo, pernas caminhando. A extensão de “história” é amplamente conhecida: as proezas realizadas, as tragédias sofridas; também o comentário humano, o registro, a interpretação que inevitavelmente se seguem. Objetivamente, a história compreende rios, montanhas, campos e florestas, leis e instituições; subjetivamente, inclui propósitos e planos, os desejos e emoções, através dos quais aquelas coisas são administradas e transformadas (DEWEY, 1980, p. 10).

A experiência na filosofia deweyana significa interação do organismo com o meio ambiente, o que implica em uma adaptação para a melhor utilização desse meio ambiente. Quando o ser humano age no meio ambiente também sofre as consequências causadas por essa ação. Por meio dessa relação ocorre a renovação da vida. “O fundamento da vida está, portanto, na ação exercida por um organismo sobre o ambiente; no poder que esse organismo possui de prever, controlar e adequar o meio às suas necessidades.” (CUNHA, 2011, p. 39). Começamos a entender de forma mais ampla o modo como Dewey concebe a experiência no contexto da sobrevivência e do desenvolvimento humano, pois para ele:

A experiência consiste primariamente em *relações ativas* entre um ser humano e seu ambiente natural e social. Em alguns casos, a iniciativa parte do lado do ambiente; os esforços do ser humano sofrem certas frustrações e desvios. Em outros casos, o procedimento das coisas e pessoas do ambiente leva a desfecho favorável as tendências ativas do indivíduo, de modo que, afinal aquilo que o indivíduo sofre ou sente

são as consequências que tentou produzir. Exatamente na proporção em que se estabelecem conexões entre aquilo que sucede a uma pessoa e o que ela faz em resposta, e entre aquilo que a pessoa faz a seu meio e o modo por atos e as coisas que se referem a essa pessoa. Ela aprende a conhecer-se e também a conhecer o mundo dos homens e das coisas (DEWEY, 1959, p. 301, *itálicos do autor*).

Podemos ver que a experiência é para o autor a fonte do aprendizado. “Dewey sabe que é por meio da educação das crianças que se determina o futuro da sociedade.” (CUNHA, 2011, p. 46) A educação praticada na escola deveria proporcionar um ambiente que possibilitasse a interação com o meio. Que permitisse ao estudante partir da experiência primária, sentir, sofrer, refletir e chegar à experiência secundária refinada. Nesse sentido, a experiência se constitui como o ponto de partida para o seu desenvolvimento e o crescimento.

Trataremos da educação escolar a partir da teoria da experiência deweyana. A educação pensada a partir dessa teoria visa formar hábitos de pensar reflexivamente, pois por meio de ações guiadas pela reflexão o estudante é formado para ter liberdade intelectual e criticidade, enquanto as ações guiadas simplesmente por impulsos e sem reflexão ou sem planejamento podem levar a uma vida servil:

Se as ações de um homem não são guiadas por conclusões reflexivas, é que se deixam levar por impulsos inconsiderados, por apetites imoderados, pelo capricho ou pelas circunstâncias do momento. Cultivar a atividade exterior irreflexiva e sem peias é favorecer a escravidão, pois a pessoa assim educada fica à mercê de seus apetites, de seus sentidos e das influências exteriores. (DEWEY, 1979a, p. 96).

Os impulsos, os apetites e os caprichos não representam o modo de agir democrático, são impulsos egoístas que visam saciar vontades momentâneas. Quando usados para benefícios exclusivamente individuais comprometem a vida social. Se não refletirmos nossas experiências a fim de guiarmos nossas ações futuras, estaremos sujeitos a sofrer subjugados por pensamentos e ações de outros.

A experiência educativa é a fonte para adquirir a vivência democrática, pois a escola é um laboratório da vida social compartilhada. A experiência alarga, deste modo, os acontecimentos, enriquece o nosso espírito e dá, dia a dia, significação mais profunda à vida. (DEWEY, 1978, p. 17). Sem a experiência educativa não se aprende e não se progride.

De acordo com Teixeira a experiência educativa:

[...] é, pois, essa experiência inteligente, em que participa o pensamento, através do qual se vêm a perceber relações e continuidades antes não percebidas. Todas as vezes que a experiência for assim reflexiva, isto é, que atentarmos no antes e no depois do seu processo, a aquisição de novos *conhecimentos*, ou *conhecimentos* mais extensos do que antes, será um dos seus resultados naturais. (TEIXEIRA, 1978, p. 17, itálicos do autor).

Isso significa que uma sociedade democrática necessariamente exigirá práticas sociais democráticas. A experiência social acontece de forma refletida quando é compartilhada, comunicada e vivenciada coletivamente. A democracia é uma experiência solidária, simpática ao bem comum.

Entendemos a experiência como a base em que se constrói todo e qualquer conhecimento humano. Porque o conceito de continuidade compõe a filosofia deweyana, podemos dizer que tanto o pensamento reflexivo como a experiência são contínuos.

Nesse sentido Dewey apresenta a experiência como um instrumento para o desenvolvimento humano, pois ela se legitima por fundamentar toda a educação por meio da relação estabelecida na continuidade entre o humano e o natural, ser e mundo, indivíduo e sociedade, sendo essas relações a ligação entre a experiência e a interação. “Dewey defende a ideia de uma experiência ou uma situação empírica como sendo indispensável para a fase inicial do pensar reflexivo (MURARO, 1998, p. 66).

É pelo pensamento reflexivo e pela continuidade da experiência que a humanidade mantém o conhecimento acumulado e garante evolução, “É como se ele pudesse entrever, na base da própria estrutura da evolução universal, um princípio verdadeiramente democrático, qual seja, aquele que responde pela igualdade dos seres dentro do processo de evolução.” (AMARAL, 2007, p. 94). Sem a unidade da inteligência com a experiência não há desenvolvimento científico e tecnológico, não há evolução humana.

2.3 Pensar experimentalmente

Para Dewey, aprender consiste em pensar de forma experimental. Todo conhecimento experimentalmente adquirido não só exige interação indissolúvel entre

o sujeito e os objetos submetidos por ele a prova, mas também comunicação e cooperação com outros sujeitos.

O pensamento reflexivo torna as pessoas capazes de realizar de forma autônoma suas experiências fazendo-as possuidoras de significados que permitem o controle de sua ação: “[...] o processo específico de se apossar de significados, mediante a atividade reflexiva sobre a experiência ou através da ação.” (MURARO, 1998, p. 36)

Quando pensamos experimentalmente devemos dar importância séria para os significados. Dewey afirma que, quando há separação entre o fato e a significação, a observação e a concepção, essa dissociação causa prejuízo educacional porque torna o processo mecânico, ou verbalista porque afastados da experiência e, por isso, incompreensíveis.

Assim dissociados, os ‘fatos’ reduzem-se a um peso morto das chamadas ‘informações’, indigeridas, mecânicas, acentuadamente verbais, enquanto que as ideias se afastam tanto dos objetos e dos atos da experiência que se tornam vazias, e, em lugar de serem meios para melhor compreensão, constituem, elas próprias, incompreensíveis mistérios, os quais, por inexplicável razão, aderem às salas de aula, mas a nada mais dizem respeito. (DEWEY, 1979a, p. 183).

As salas de aulas estão impregnadas de lições sem sentido, conhecimentos desconexos e conceitos apresentados aos alunos, sem o menor compromisso com a experiência e a sua contribuição para o agir inteligente no mundo. “Não basta carregar a memória com a descrição de fatos e leis, esperando que, mais tarde, a vida, o espírito encontrem, por algum milagre, a aplicação para eles.” (DEWEY, 1979a, p. 183). Aprender a pensar não é negar os conteúdos, mas submetê-los ao crivo de novas experiências.

Por fim, o ato de pensar requer ideias; após o contato do educando com os dados de sua própria experiência e da experiência de outros, tem-se o momento da inferência, do salto para o desconhecido, da inventividade. Revela-se, então, a face criativa e original de todo ato de pensar, trata-se da capacidade de extrair o elemento novo daquilo que é familiar e presente. (CUNHA, 2011, p. 57-58)

O pensamento reflexivo surge como um instrumento para resolver um problema. Segundo Dewey (1980, p. 61), a determinação de um problema genuíno é

uma investigação progressiva. Tal processo acontece graças a capacidade intelectual inerente do ser humano.

Segundo Nascimento:

educação como “resolução de problemas” foi a forma que Dewey encontrou para explicar a teoria do comportamento inteligente, ou seja, uma filosofia da experiência que compreende a presença de leis obtidas através da reflexão sobre a realidade circundante, leis essas que são tipicamente humanas e adquiridas no processo de *crescimento*. (NASCIMENTO, 2017, p. 229, grifos da autora)

Para Dewey, educar é ensinar a pensar. Aprender a aprender é aprender a pensar. Decorre daí a necessidade de partir de problemas das experiências dos alunos para que aprendam a pensar. Resolver problemas é aprender a pensar. “Um problema representa a transformação parcial, pela investigação, de uma situação problemática em uma situação determinada.” (DEWEY, 1980, p. 61). Pensar em um problema é ser capaz de conhecê-lo de modo que, seja possível decidir quais sugestões de solução serão selecionadas e quais serão rejeitadas, reconhecendo quais dados são relevantes e quais são irrelevantes para resolver o problema e validar a experiência.

2.4 Ambiente escolar e espaço democrático

Na concepção deweyana, a escola tem uma importante função social, ela atua como um laboratório da vida social. “Jamais educamos diretamente e, sim, indiretamente, por intermédio do ambiente” (DEWEY, 1979b, p. 20)

Se ela distancia seus conteúdos da experiência anterior vivida pelos alunos, esses conteúdos terão pouco significado, mas se os conteúdos tiverem significado e envolver esses estudantes, eles serão apreendidos. Assim, Dewey propõe uma metodologia voltada para a experiência do aluno. A função social da educação tem o papel de integrar alunos oriundos de diversos ambientes, de raças, religiões e costumes diferentes em um meio novo e mais vasto, com o objetivo de tratar a todos com igualdade impondo à escola uma função fortalecedora e integradora levando e discutindo os mais diversos interesses dentro do contexto coletivo.

Para se construir um ambiente democrático, é necessário interesse e disciplina tanto por parte do professor como por parte dos alunos. Dewey trata essa relação como aspectos correlativos da atividade provida de um objetivo.

De acordo com GHIRALDELLI JR.:

É nesse aspecto que se destaca o fundamental papel da educação, vista por Dewey como poderosa ferramenta a serviço da democracia, conservando determinados valores e incentivando a revisão de outros. A educação é importante para que o projeto democrático tenha chance de dar certo. (GHIRALDELLI JR., 2001, p. 53)

A expectativa é que o professor reflexivo seja um agente no ambiente escolar, que busque resultados benéficos ao bem-estar social se preocupando com as consequências de suas práticas pedagógicas, e com as consequências de seu trabalho. A expectativa é que as experiências interfiram de forma positiva nos objetivos. “O interesse representa a força que faz mover os objetos – quer percebidos, quer representados em imaginação em alguma experiência provinda de um objeto.” (DEWEY, 1979b, p. 142).

O bom professor ou o professor reflexivo é aquele que dá direção às atividades dos alunos com o intento de “[...] consolidar no indivíduo as condições necessárias para que um dia ele não precise mais de orientação, para que ele consiga desenvolver a habilidade da reflexão consequente e, assim, alcance a independência e a autonomia” (CORREA; MATOS, 2014, p. 26). Assim como a crianças dependem do adulto, os estudantes dependem do professor “[...] que tenha boa vontade, conhecimento e experiência suficientes para indicar o caminho que formará nela um juízo crítico e independente” (CORREA; MATOS, 2014, p. 26). O professor não deve subestimar a capacidade de compreensão pelos alunos do que ocorre no ambiente a que pertence.

Segundo Dewey (1979b), nem sempre uma atividade é uma experiência. Há na natureza da experiência dois elementos um ativo e outro passivo, porém combinados; o ativo é a experimentação e o passivo é o sofrimento de passar por alguma coisa. Na combinação entre esses elementos agimos sobre o objeto de experiência e ele por sua vez age em nós:

Em seu aspecto ativo, a experiência é *tentativa* – significação que se torna manifesta nos termos *experimento*, *experimentação* que lhe são associados. No aspecto passivo, ela é *sofrimento*, *passar por alguma coisa*. Quando experimentamos alguma coisa, agimos sobre ela,

fazemos alguma coisa com ela; em seguida sofremos ou sentimos as consequências. (DEWEY, 1979b, p. 152, *itálicos do autor*).

Passar por uma experiência nos faz sofrer e agir sobre as consequências que ela traz. Sendo assim, uma forma de modificar um fato futuro, o agente usa a experiência para aprender. “Aprender da experiência é fazer uma associação retrospectiva e prospectiva entre aquilo que fazemos às coisas e aquilo que em consequência essas coisas nos fazem gozar ou sofrer.” (DEWEY, 1979b, p. 153).

Dewey diz que não é possível adquirir conhecimento apenas como espectador, pois o espectador é aquele que só observa. Neste caso; o aluno somente acumula informações em sua mente. É preciso ação. Esse cenário é comum em muitas salas de aula tradicionais em que o aluno é só espectador. O que muitas vezes acontece é a realização da transmissão de instruções, como se o aluno fosse uma esponja e absorvesse todo o conhecimento apenas repassado, como se conhecimento fosse transmissão e não construção.

Para Dewey é preciso evitar os dualismos, por isso não se deve separar a consciência puramente intelectual e cognitiva dos fatores físicos, pois a criança é composta por esses dois aspectos: físico e intelectual.

A partir do momento em que o estudante vai à escola, leva consigo não só o seu intelecto, mas também seu corpo físico, o qual está o tempo todo sentindo e participando do seu processo de aprendizagem, de amadurecimento, uma vez que ele está interessado em aprender o faz de corpo (físico) e alma (intelecto):

Costumamos separar a coisa que se chama espírito ou consciência, dos órgãos físicos da atividade. Considera-se o espírito ou a consciência como faculdade puramente intelectual e cognitiva, e aqueles últimos como fatores físicos intrusos e sem importância. (DEWEY, 1979b, p. 153).

Quando há interesse por parte do aluno, esse se torna um agente do seu próprio conhecimento e não apenas um espectador, pois, segundo Dewey o agente, por meio da experiência, sente, sofre e modifica o seu futuro, ou seja, sofre as consequências daquilo que experimentou.

Quando se tenta suprimir as atividades físicas peculiares às crianças e jovens por meio da disciplina, ou por parecer mais produtiva uma sala silenciosa e por isso “mais atenta”, comete-se um equívoco, pois o aprender por meio de uma experiência requer a interação do intelecto e dos sentidos físicos. Por meio do intelecto pensa-se, reflete-se e por meio do corpo físico sente-se o mundo, sofre-se e assim se dá a

mudança. Segundo Dewey, os “[...] sentidos são avenidas para os conhecimentos, não porque os fatos exteriores sejam de certo modo ‘veiculados’ para o cérebro, e sim por serem *usados para fazer alguma coisa com determinado objetivo*” (DEWEY, 1979b, p. 155, itálicos do autor). Reflexão e ação não são coisas separadas, mas articuladas na experiência transformadora do mundo.

Há professores que insistem em um ensino mecânico, onde todo processo de aprendizagem passa por fases de repetição. Dewey cita que algumas matemáticas mesmo as mais avançadas, acontecem como uma simples repetição mecânica de cálculos, técnicas para resolver algoritmos. Entretanto, esse método não leva em conta que é por meio da experiência que o mundo exterior passa para o mundo interior, para o ser humano.

Por isso, Dewey afirma que separar o intelecto das coisas e/ou atribuir a esse espírito exagerada importância também causa um problema; achar que o espírito percebe o mundo independente das suas relações com o próprio mundo pode causar a ilusão de que, de fato, não há a necessidade dessas relações para entender o mundo. Porém, é a relação com as coisas que dão a elas significados. É um erro acreditar que há maneira de perceber as relações sem a experiência “[...] sem a combinação do tentar e do sofrer as consequências” (DEWEY, 1979b, p. 157).

Dewey afirma que numa única experiência pode produzir mais conhecimento do que muitas teorias, uma vez que “[...] uma teoria a parte da experiência, não pode nem mesmo ser definitivamente apreendida como teoria” (1979b, p. 158). Porém sem o elemento intelectual não há experiência; essa seria a combinação entre os sentidos e o pensamento. Mas o cultivo do ato de pensar, por si só pode ser uma experiência, pois se faz elemento de continuidade. Nesse caso “[...] pensar é o esforço intencional para descobrir as relações específicas, entre uma coisa que fazemos e a consequência que resulta” (1979b, p. 158). A rotina é o oposto de uma ação reflexiva, pois que é mecânica deixando as coisas iguais, sem alteração.

A insatisfação com alguma coisa desperta a reflexão, o pensamento, a fim de modificá-lo, o que requer planejamento, traçar metas, possíveis resultados. Para Dewey chega-se a uma conclusão por meio do ato de pensar, e só pensamos quando existe dúvida. O pensar necessita, segundo ele, de investigação, observação e pesquisa.

Para Dewey, concretizar o ideal democrático na sociedade, ele recorreu à educação como um fenômeno de extrema importância, capaz de proporcionar um

espaço democrático, isto é, um espaço para todos, inclusive o “homem comum” numa aposta nas relações sociais com fé que todas as pessoas tenham a capacidade de gerir suas vidas sem a imposição dos outros membros, desde que lhes sejam oferecidas condições para isso. A educação seria então esta condição ou pelo menos parte dela.

Essa crença generosa nas possibilidades que o ser humano traz consigo é um traço forte nas escritas Dewey. Segundo GHIRALDELLI JR., ele via a proposição da democracia como um imperativo moral que apontava para a presença de um forte componente de fé:

A palavra fé, como todos sabem, é geralmente associada a crença religiosa, obediência a dogmas, subserviência a entidades superiores, como também é ligada ao cumprimento de princípios e valores imutáveis e indiscutíveis. Conforme muito bem assinalado por Maria Nazaré de Amaral, o pensamento deweyano é profundamente impregnado de religiosidade, sem declarar interesse por uma religião específica, é certo. (GHIRALDELLI JR., 2001, p 54)

Essa fé deweyana na capacidade inteligente do ser humano está carregada de esperança de que o ideal democrático é possível. Deve ser contagiante, individual e coletivo. Para isso é necessário que o ambiente escolar seja um espaço democrático. É preciso que a escola “[...] coloque o educando em contato direto com a realidade em que vive e o envolva em ações destinadas a transformar o mundo[...].” (CUNHA, 2001, p. 71). A educação tem a função de libertar das crenças de preconceitos, sendo um deles o dualismo. Isso representa progresso porque permite uma ação mais livre e democrática.

2.5 A experiência da democracia na escola.

Para Dewey, aprender consiste em pensar de forma experimental. Todo conhecimento experimentalmente adquirido não só exige interação indissolúvel entre o sujeito e os objetos submetidos por ele a prova, mas também comunicação e cooperação com outros sujeitos, que como ele carregam diferentes experiências. “Na escola, bem como em qualquer outra circunstância que envolva vida em grupo, é fácil distinguir quando o exercício da autoridade é ou não fundamentado em critérios de

justiça.” (CUNHA, 2011, p. 67). Portanto, a escola torna-se o ambiente mais adequado para a o exercício da democracia em um meio social marcado pela diversidade.

É certo que continuidade da vida depende da reprodução biológica da espécie. Porém, no caso do ser humano se faz necessário dar continuidade à sua vida social e cultural. Temos um passado histórico carregado de riquezas culturais e experiências que são transmitidas sobretudo pela educação. Por meio dessas vivências a humanidade cometeu erros e acertos, resolveu problemas e superou obstáculos. Esta experiência de vida que nos faz progredir também precisa de continuidade.

A educação é o meio pelo qual a sociedade dá continuidade e renova, a sua cultura, suas crenças, seus hábitos e ideias. Segundo Cunha (2011), sem educação o grupo social não persistiria como tal e não seria capaz de superar as novas situações que a ele se apresentasse.

Essa continuidade social não acontece somente no ambiente escolar, mas é nele que é possível percebê-la com maior intensidade. É por meio da experiência compartilhada no ambiente escolar que acontece o genuíno aprendizado.

O que define a essência da democracia é seu caráter de vida compartilhada; nesse sistema político, as necessidades individuais, muitas vezes divergentes, encontram seu ponto de convergência mediante os propósitos do trabalho cooperativo. (CUNHA, 2011, p. 36)

Para que a escola proporcione a experiência da democracia ela precisa ser plural, acolhedora e possuir ambientes que favoreçam a pesquisa. Quando os alunos se deparam com uma situação problema começa o processo da experiência reflexiva proposta por Dewey (dúvida, perplexidade, confusão), características da primeira fase das cinco propostas pelo autor para a experiência refletida.

A segunda fase é uma previsão conjectural, que pode ser individual ou dialogada e discutida em grupo com os colegas, onde os estudantes possam falar, ouvir, conjecturar e pensar nas consequências, dando sequência à terceira fase o exame cuidadoso das observações feitas e compartilhadas.

Na quarta e quinta fase acontece a consequente elaboração de uma tentativa de hipótese, toma-se como base a hipótese concebida, elabora o plano de ação aplicável ao existente estado de coisas. Faz-se alguma coisa para produzir o resultado previsto e pôr em prova a hipótese. Se a escola proporciona o espaço adequado para

que se realize todas as fases da experiência, de forma compartilhada e dialógica, então ela favorece a democracia.

Segundo Dewey, o principal obstáculo para o desenvolvimento da democracia é um ambiente carregado de dualidades, tais ambientes favorecem as desigualdades. A escola como uma instituição promotora das igualdades sociais e garantidora de oportunidades, não pode optar pela neutralidade.

A missão da escola não é simplesmente refletir a sociedade em que se insere sem participar ativamente de sua reconstrução. Esse processo, numa sociedade em transição, exige que os educadores façam escolhas, que assumam posicionamentos políticos e sociais; a neutralidade, nesse caso, significa o fracasso da democracia. (CUNHA, 2011, p.76)

A escola isolada dos movimentos sociais torna-se frágil, mas aliada a estes torna-se construtora de uma nova ordem social em busca de um futuro melhor. Portanto, promover a experiência da democracia na escola, na visão deweyana, ultrapassa os obstáculos das dualidades e garante um futuro melhor.

2.6 A inexperiência da vida democrática

Paulo Freire em sua obra *Educação e atualidade brasileira* publicada em 1959, como tese de concurso para a cadeira de História e Filosofia da Educação na Escola de Belas Artes de Pernambuco, fala da nossa inexperiência democrática. Essa inexperiência tem raízes históricas na formação do nosso país, desde a nossa colonização.

“Inexperiência democrática” enraizada em verdadeiros complexos culturais. Realmente o Brasil nasceu e cresceu dentro de condições negativas às experiências democráticas. O sentido marcante de nossa colonização, fortemente predatória, à base da exploração econômica do grande domínio, em que o “poder do senhor” se alongava “das terras às gentes também”, e do trabalho escravo, inicialmente do nativo e posteriormente do africano, não teria criado condições necessárias ao desenvolvimento de uma mentalidade permeável, flexível, característica do clima cultural democrático, no homem brasileiro. (FREIRE, 2003, p.61, aspas do autor)

Esse autor aparece em nosso trabalho por apresentar, em muitos de seus escritos, traços da filosofia pragmatistas de John Dewey. Além do seu amor pela

democracia e a preocupação com os problemas sociais que freiam o desenvolvimento humano.

GHIRALDELLI JR lembra que:

A pedagogia de Dewey era uma pedagogia na democracia, para a democracia. A pedagogia de Freire era uma pedagogia para a democracia e para o *Welfare State*, mas voltada para aqueles que não viviam nem na democracia nem tinha conhecido os benefícios do *Welfare State*. (GHIRALDELLI JR., 2002, p. 22, itálico do autor).

Tanto Dewey quanto Freire acreditavam que o principal fim da educação não era simplesmente aprender, mas “aprender a aprender, em um contínuo processo de evolução. Segundo Ghiradelli Jr, “Paulo Freire, por sua vez, desenvolveu sua teoria educacional graças a Dewey.” (GHIRALDELLI JR., 2002, p. 10, itálico do autor). Nesse sentido, acreditamos que algumas análises da obra de Paulo Freire contribuíram para a reflexão em torno da experiência, tanto a que se refere à formação dos alunos quanto dos professores.

Cunha (2011, p. 25) afirma que a experiência é o cerne da educação. É nela que encontramos o ambiente adequado para desenvolver o pensamento reflexivo em um espaço dialógico, inclusivo, ou seja, democrático. Freire foi sem dúvida um progressista. Dewey nos fala que, cabe “à educação progressiva tomar a lição dos inovadores e reformadores e buscar, sob urgência maior e maior pressão do que qualquer dos renovadores antigos, uma filosofia de educação fundada numa filosofia de experiência.” (DEWEY, 1971, p. 19). Sabemos que não é possível formar uma sociedade democrática se a privarmos dessa experiência.

Assim como Dewey, Freire diz que, a posição do homem diante da natureza e da cultura “não é simplesmente passiva. No jogo das suas relações com esses mundos ele se deixa marcar, enquanto marca igualmente.” (FREIRE, 2003, p. 10). Levando em conta essa interação orgânica do humano com a natureza e a sua capacidade de aprender e transformar a cultura, admitimos que esse mesmo homem tende naturalmente à democratização política e cultural.

A nossa democratização está sendo comprometida por dicotomias que interferem no seu processo de continuidade. Atualmente temos uma política educacional, principalmente a de nível nacional, voltada para uma educação conservadora, autoritária, de transmissão e imposição.

É este gosto da verticalidade, do autoritarismo, enraizado em nossas matrizes culturológicas, que refletem a nossa ‘inexperiência democrática’, [...] que nos faz insistir, mais do que tudo, neste centralismo asfíxiante em que nos debatemos. (FREIRE, 2003, p. 12).

Exemplo disto é a constante insistência do MEC (Ministério da Educação), presidido no momento desta pesquisa pelo ministro Abraham Weintraub, em impor medidas antidemocráticas com o apoio da presidência da república. Uma destas medidas que mostra o ataque explícito a democracia é a Medida Provisória (MP) 914/2019⁷, editada pelo presidente Jair Bolsonaro no dia 24 de dezembro de 2019, que altera a eleição de reitores das universidades federais e institutos técnicos. Uma prática de governo democrática submeteria alterações institucionais à análise dos envolvidos com as devidas razões para serem alteradas. “O problema educacional brasileiro, de importância incontestavelmente grande, é desses que precisam ser vistos organicamente. Precisam ser vistos do ponto de vista de nossa atualidade.” (FREIRE, 2003, p.10). É preciso resistência frente a atitudes reacionária. Não há democracia sem a participação do povo.

Os governos se dizem democráticos, mas a verdadeira democracia é combatida quando o povo resolve “desobedecer” às vontades de um governo autoritário. As primeiras instituições a serem atacadas são as educacionais, pois todo sistema político sabe que as revoluções começam com a educação do povo. Uma sociedade que é capaz de pensar reflexivamente têm consciência do poder popular, enxerga as desigualdades e luta por seus direitos.

Freire afirma que:

Entre nós a educação tem que ser, acima de tudo, uma tentativa constante de mudança de atitude. De criação de disposições mentais democráticas, através de que se substituam no brasileiro antigos e culturológicos hábitos de passividade, por novos hábitos, de participação e ingerência. Hábitos de colaboração. (FREIRE, 2003, p. 86).

⁷ A MP 914/2019 editada em 24/12/2019, altera a rito para a eleição e nomeação dos reitores das universidades federais e institutos técnicos. De acordo com o texto, o presidente poderá não acatar o nome mais votado da lista tríplice de candidatos apresentada pela instituição. Tradicionalmente, o reitor é escolhido pelo corpo de professores, alunos e funcionários das universidades, por meio de uma votação que resulta em três nomes. O mais votado dessa lista costuma ter seu nome confirmado pelo presidente, para um mandato de quatro anos. A MP, no entanto, estabelece que o presidente poderá escolher qualquer um dos três nomes apresentado, não necessariamente o mais votado. A escolha é uma prerrogativa do presidente, mas o governo federal tinha a tradição de confirmar o nome mais votado da lista. (www.12.senado.leg.br/noticias/2019/12/26/mp-altera-eleicao-de-reitores-das-universidades-federais-e-institutos-tecnicos . Acesso em 18/01/2020

Para deixarmos a inexperiência da vida democrática é necessário que haja a experiência real desse modo de vida. Precisamos criar o hábito da vida democrática, para que possamos garantir uma sociedade mais justa e igualitária. A educação é o instrumento pelo qual interagimos com o ambiente cultural e damos continuidade ao processo de desenvolvimento social. “Todo planejamento educacional, para qualquer sociedade, tem que responder às marcas e aos valores dessa sociedade. Só assim é que pode funcionar o processo educativo, ora como força estabilizadora, ora como fator de mudança.” (FREIRE, 2003, p. 10).

A nossa inexperiência democrática é um assunto que deve ser refletido. Quando falando de classe dominante e classe política que defendem os interesses da primeira. Percebemos que não há nenhuma vontade em implantar políticas públicas, principalmente na área da educação para desenvolver o pensamento reflexivo e o hábito da vida democrática dentro das escolas públicas.

Analisando o momento político pelo qual passamos enquanto escrevíamos o nosso trabalho, percebemos que os escritos de Freire feitos há mais de 60 anos em um outro período da história brasileira, voltam a representar a política no país. É certo que, durante todos esses anos, caminhamos a passos lentos rumo a democracia, mas progredimos. Apesar de existirem dificuldades, tivemos conquistas que hoje se encontram ameaçadas. Segundo Freire:

É o povo emergindo e exigindo soluções, mas, ao mesmo tempo, assumindo atitudes que deixam transparecer, fortemente, os sinais de sua “inexperiência democrática”. “Inexperiência democrática” brasileira que esclarece posições tão comuns entre nós, [...] do todo-poderosismo policial, em desrespeito ao homem. Todo-poderosismo da autoridade firmada ainda no “sabe com quem está falando?”. Desrespeito aos direitos dos mais fracos pela hipertrofia dos mais fortes. “Inexperiência” que explica a prática reveladora da política de clã, consubstanciada em fórmulas como: “aos amigos tudo – amigos são os que seguem passivamente ao chefe – aos inimigos, a lei”. Esta lei, porém, aparece apenas na fórmula, porque a tradução exata desta atitude, ou desta postura antidemocrática, seria antes esta: “Aos amigos, aos que seguem as linhas da política do chefe, tudo – inclusive as coisas impossíveis, para cuja solução se dá um ‘jeitinho’ – aos inimigos, nada, quer dizer, dificilmente o que a própria lei estabelece”. (FREIRE, 2003, p. 26)

Podemos dizer que tanto para Dewey, quando para Freire, o modo de vida verdadeiramente digno é o modo de vida democrático. Para ambos a educação é o

meio pelo qual a sociedade se transforma e o ambiente escolar deve ser capaz de proporcionar a experiência da democracia.

Um país que não investe financeiramente e humanamente em educação não é capaz de crescer democraticamente. Além disso, o estado deveria criar políticas de formação de professores para buscar metodologias democráticas e amplo debate sobre os valores da democracia. A fixação na tradição autoritária, marcadamente religiosa, cria barreiras para o avanço democrático.

CAPÍTULO III

PROFESSORES REFLEXIVOS E O ENSINO DEMOCRÁTICO

Nesse capítulo nosso objetivo é analisar a especificidade do papel do professor reflexivo à luz da filosofia deweyana. Esse profissional deve ser aquele indivíduo que luta pelo ideal democrático e por instituições democráticas. O professor não necessita de outro fim que justifique sua luta além do sucesso da educação pública.

Todos querem que a democracia exista, que se efetivem instituições sociais verdadeiramente democráticas, que haja liberdade para todos os indivíduos desenvolverem ao máximo suas potencialidades. Mas ninguém se contenta em simplesmente lutar para que tudo isso aconteça, necessitando encontrar uma razão para essa luta. (GHIRALDELLI JR., 2001, p. 49)

Sabe-se que esta orientação, professor reflexivo, para a formação docente surgiu de um movimento internacional de reformas Educacionais nos finais da década de 1980 e início da década de 1990. Parte-se da premissa que a categoria “Professor Reflexivo” deriva da filosofia pragmatista de Dewey e com base nessa conjectura muitos autores trataram da formação inicial e continuada de professores, tais como Schön (2000), Zeichner (1993), Alarcão (1996), Pimenta (2005). Entretanto, alguns autores como Pimenta são bastante críticos da utilização dessa abordagem desprovida da ideia de reflexão e da preocupação social e democrática formulada por Dewey.

A presença de professores reflexivos nas escolas é de suma importância para garantir uma educação democrática. É necessário que além do envolvimento pedagógico, esse profissional tenha participação efetiva no âmbito da administração escolar, nos conselhos, na associação de pais e mestres, nas secretarias de educação e na esfera política.

Ser professor é ser exemplo, embora nossa profissão sofra com o problema da desvalorização por parte de vários segmentos sociais, sabemos que essa mesma sociedade está atenta aos nossos acertos e aos nossos erros, muito mais no último do que no primeiro. “A solidariedade social e política de que precisamos para construir a sociedade menos feia e menos arestosa, em que podemos ser mais nós mesmos,

tem na formação democrática uma prática de real importância.” (FREIRE, 2011b, p. 42-43). Como já colocado por Dewey devemos incentivar ao máximo a mútua cooperação entre os semelhantes.

Podemos afirmar que existe o hábito de culpar as escolas e os professores pelo fracasso escolar, porém, “atribuir a culpa às escolas e aos professores, equivale a culpar as vítimas.” (SCHÖN, 1992, p. 79). A educação é responsabilidade da humanidade, pois seu contínuo desenvolvimento depende dela.

Criar o hábito de refletir sobre a própria profissão não é fácil, mas essencial ao educador. Sabemos que exercer técnica e automaticamente uma tarefa é mais cômodo, porém, ensinar requer constante movimento (reflexão e ação), não somente um movimento para frente, mas para trás, olhar para as experiências passadas. De acordo com o conceito de continuidade definido por Dewey, o aperfeiçoamento profissional tem como fim mais aperfeiçoamento. Segundo Amaral:

Estamos diante de um modelo de perfeição, em função do qual o homem deweyano deverá “conformar-se.” Aliás, só em função dele podemos compreender toda riqueza que a expressão aperfeiçoamento encerra para o autor. Sabemos que ele faz provir a virtude moral do crescimento constante ou do aperfeiçoamento cujo único fim é mais crescimento e mais amadurecimento. (AMARAL, 2007, p. 116).

O professor reflexivo é aquele profissional que tem a capacidade de resolver problemas, por meio da investigação inteligente, que consegue ensinar o processo da reflexão aos seus alunos, para que eles próprios possam resolver problemas de maneira eficaz. “Dewey acreditava que o conhecimento que resolve problemas era o *conhecimento do conhecimento de resolver problemas*.” (GHIRALDELLI JR, 2002, p. 17, itálicos do autor)

3.1 Dificuldades encontradas para a ação

A profissão docente vem carregada de muitos significados, responsabilidades, deveres e cobranças. As sociedades de modo geral colocam suas expectativas e suas frustrações na educação. Povos que valorizam a educação tem maiores expectativas de desenvolvimento. Um exemplo disso é a comparação que acontece entre os países apontando os bem-sucedidos como sendo aqueles que valorizam e investem em educação, enquanto os malsucedidos o seriam por motivos opostos.

O professor é uma figura de grande importância nesse cenário. É claro que o processo educacional não acontece apenas dentro da escola, mas quando tratamos da educação formal nos referimos a instituição escolar. E aí sim a educação se move composta por vários fatores, a saber, recursos financeiros, gestão, recursos pedagógicos e humanos e de políticas públicas eficazes que auxiliem e valorizem o trabalho do professor.

Para que aconteça o aprendizado do conhecimento científico, formal e emancipador de maneira consciente e responsável é preciso que haja professores, preocupados com a educação e com os seus educandos. A sociedade necessita que estes reflitam constantemente sua prática pedagógica. Por meio do trabalho docente pautado na reflexão crítica, torna-se possível a formação intelectual e a emancipação social de seus alunos, pois o professor reflexivo cria nos estudantes hábitos da reflexão.

Para que essa tarefa tenha êxito é importante que o professor conheça seus alunos, seu meio social, sua cultura, suas experiências e suas expectativas. “Quanto mais conhecer o professor as experiências passadas dos estudantes, suas esperanças, desejos, principais interesses, melhor compreenderá as forças em ação que lhe cabe dirigir e utilizar, para formar hábitos de reflexão” (DEWEY, 1979a, p. 44).

Em muitos lugares a atuação política foi capaz de sucatear a educação. Existem escolas funcionando precariamente, em outros a escola física não existe, não há paredes nas salas de aula, espaços improvisados se tornam ambiente de aprendizagem, faltam materiais didáticos e merenda escolar. O que ainda resiste bravamente nessas escolas é o professor, ainda há um professor, na maioria das vezes mal remunerado, desvalorizado de diversas formas e subestimado pelo sistema político.

Quando dizemos que “ainda há” professores nas salas de aula, resistentes às tormentas que permeiam o seu trabalho, é porque também isso está ameaçado pelo atual sistema político brasileiro.

Demos alguns passos a trás, estamos sentindo ventos reacionários no rosto da nossa democracia. “A democracia não estanca o tempo e permite a pluralidade da experiência humana, enquanto os regimes feudais ou totalitários, segundo Dewey, tentam parar o tempo e cortar a diversidade.” (GHIRALDELLI JR., 2002, p. 17) Desde 2016 e intensificado nas eleições de 2018, vencidas por um governo que se diz liberal

e ultraconservador, sofremos com reformas trabalhistas⁸ que flexibilizaram os contratos de trabalho.

Tal flexibilização aumentou a contratação de professores temporários, que podem ter seus contratos renovados ou não a cada seis meses. Alguns dos professores que assumem turmas na educação básica ainda são acadêmicos, a outros ainda é permitido assumir aulas em disciplinas fora de suas licenciaturas, desde que sejam de áreas a fins. O estado do Paraná, a exemplo de outros estados brasileiros, não realiza concurso público para professores desde 2013.

Os salários estão desvalorizados sem reajuste de inflação há pelo menos cinco anos. Esses fatores desestimulam os jovens a escolherem a carreira docente como sua futura profissão, e como em um feito cascata estamos sujeitos a enfraquecer as demais carreiras acadêmicas no ensino superior e na área da pesquisa ligada as licenciaturas.

Giroux (1997) sugere em sua obra uma análise das diferentes conjunturas históricas, teóricas e políticas que constituem uma jornada no campo ideológico do ensino escolar contemporâneo.

Dentro dessa perspectiva ele fala que as políticas que envolvem reformas educacionais nos Estados Unidos no final dos anos 80 “[...] mostram pouca confiança na capacidade dos professores da escola pública de oferecerem uma liderança intelectual e moral para a juventude” (GIROUX, 1997, p. 157). Dentro do debate dessas reformas “[...] ignoram a inteligência, julgamento e experiência que os professores poderiam oferecer.” (GIROUX, 1997, p. 157). Como se os professores não fossem capazes de analisar criticamente o processo educacional.

Essa visão política também predomina no nosso atual sistema educacional, há ou sempre houve, uma forte tendência em tratar o professor como um técnico que cumpre os objetivos traçados por profissionais que não convivem com a realidade escolar, afastados da verdadeira essência da educação, tudo isso compromete o desenvolvimento do trabalho docente.

Os problemas desta abordagem são evidentes com o argumento de John Dewey de que os programas de treinamento de professores que enfatizam somente o conhecimento técnico prestam um desserviço tanto à natureza do ensino quanto a seus estudantes. Em vez de

⁸ A Reforma Trabalhista foi aprovada na Câmara dos deputados em 26 de abril de 2017 por 296 votos favoráveis e 177 votos contrários. No Senado Federal, foi aprovada em 11 de julho por 50 a 26 votos. Foi sancionada pelo Presidente da República no dia 13 de julho sem vetos.

aprender a refletir sobre os princípios que estruturam a vida e prática em sala de aula, os futuros professores aprendem metodologias que parecem negar a própria necessidade de pensamento crítico. (GIROUX, 1997, p. 159).

Os programas de formação de professores devem formar um educador autônomo, capaz de refletir sua prática continuamente. Para que esse docente perceba que a sua capacitação profissional não se dá apenas durante o curso acadêmico, mas é contínua por toda a vida. Por isso também é necessário que haja durante essa formação o desenvolvimento do amadurecimento político do professor. Tal processo de conscientização permitirá que esse profissional participe das tomadas de decisões no ambiente em que trabalha, levando em consideração políticas públicas que favoreçam o desenvolvimento da educação e possibilitem a criação de uma sociedade mais justa e verdadeiramente democrática.

3.2 A formação de professores e a promoção da experiência de um ambiente democrático

Diante de tantas dificuldades encontradas para trabalhar, como um professor ou uma professora pode refletir sua prática criticamente a fim de melhorá-la? No que consiste a prática docente reflexiva? Os cursos de formação docente formam professores reflexivos? Na literatura que trata das discussões sobre a educação e a formação docente, vários pesquisadores dentro de suas linhas e apoiados em fundamentações teóricas diversas procuram responder tais questionamentos.

Quando Dewey afirma que é preciso criar o hábito de aprender, este hábito não está associado apenas na formação de crianças ou de adolescentes, mas também na formação do professor. Segundo GHIRALDELLI JR, “Dewey não podia abrir mão de ter percebido, [...] que a educação pode ser o ‘aprender a aprender’, mas, sem a intervenção do professor e sem sorte, não pode levar aqueles que ‘aprendem a aprender’ a fazerem coisas boas com o mundo ou mesmo a preservar a democracia.” (GHIRALDELLI JR., 2002, p. 21). Como pode um professor formar indivíduos capazes de serem críticos e reflexivos se ele próprio, não o é.

Muitos acham que ser professor é um dom natural, uma vocação, que faz com que alguns profissionais desenvolvam um trabalho de maneira mais satisfatória do que outros que talvez não tenham essa pré-disposição, ou ainda, que somente com o passar dos anos em sala de aula é que se alcançará um bom desempenho

profissional, desconsiderando as bases teórico-científicas e a sua articulação com as experiências concretas no ambiente escolar.

Por meio da base teórica e da experiência é que o professor terá condições de olhar para sua prática passada, refletir sobre suas consequências e planejar sua prática futura.

Por isso, tratamos primeiramente da formação do pensamento reflexivo deweyano, e como essa “[...] maneira de conceber o pensar reflexivo por Dewey ecoa na noção freireana de educação como situação gnosiológica, ou seja, como prática problematizadora que se opõe à educação bancária⁹ [...]” (MURARO, 2012, p. 12). Usaremos no texto o termo pensar certo¹⁰ de Paulo Freire como um princípio fundamental a prática educativa independente da opção política do educador, seja ele progressista ou conservador. É preciso conscientização e ética no planejamento do seu trabalho. Ele afirma que “[...] ensinar exige reflexão crítica sobre a prática”. (FREIRE, 2011b, p. 39). A formação do professor é contínua e pensar reflexivamente deve fazer parte desse processo de evolução.

Assim como a evolução da humanidade está intimamente ligada às experiências por ela vivenciadas, a educação escolar também é aprimorada por meio das experiências refletidas e orientadas pelo professor. Ao fazer perguntas e apresentar situações-problemas para seus alunos, ele os move a pensar reflexivamente. Quando essa interação acontece, de forma livre em um ambiente

⁹ A educação tradicional foi criticada por Paulo Freire (1987) e denominada por ele de educação bancária, que Dewey também criticava. Esta maneira de conceber e fazer educação, é um empecilho para a mentalidade democrática. “a) o educador é o que educa; os educandos, os que são educados; b) o educador é o que sabe; os educandos, os que não sabem; c) o educador é o que pensa; os educandos, os pensados; d) o educador é o que diz a palavra; os educandos, os que a escutam docilmente; e) o educador é o que disciplina; os educandos, os disciplinados; f) o educador é o que opta e prescreve sua opção; os educandos os que seguem a prescrição; g) o educador é o que atua; os educandos, os que têm a ilusão de que atuam, na atuação do educador; h) o educador escolhe o conteúdo programático; os educandos, jamais ouvidos nesta escolha, se acomodam a ele; i) o educador identifica a autoridade do saber com sua autoridade funcional, que opõe antagonicamente à liberdade dos educandos; estes devem adaptar-se às determinações daquele; j) o educador, finalmente, é o sujeito do processo; os educandos, meros objetos” (FREIRE, 1987, p. 65). “A educação bancária é um reflexo da sociedade opressora e estimula a contradição, sendo assim também uma dimensão da “cultura do silêncio”. Os sujeitos são impossibilitados de ser, de usarem sua criatividade, de inventarem, de reinventarem e de transformarem o mundo.” (SANTOS, 2014, p. 131)

¹⁰ O pensar certo de Freire é o saber feito da pura experiência. “Pensar certo, em termos críticos, é uma exigência que os momentos do ciclo gnosiológico vão pondo à curiosidade que, tornando-se mais e mais metodicamente rigorosa, transita da ingenuidade para o que venho chamando ‘curiosidade epistemológica’.” (FREIRE, 2011b, p. 31). “Pensar certo, do ponto de vista do professor, tanto implica o respeito ao senso comum no processo de uma necessária superação quanto o respeito e o estímulo à capacidade criadora do educando.” (FREIRE, 2011b, p. 31)

democrático, o professor influencia e é influenciado, tal experiência educativa após ser vivenciada fará parte da formação do estudante e também do professor, construindo um caminho de aprendizado contínuo.

3.3 Professor reflexivo e consciência política

Ser professor é ser responsável. O trabalho do professor não se resume apenas em transmitir conhecimento científico para uma formação técnica ou utilizando uma linguagem que remete ao sistema capitalista, produzir conhecimento de forma mecânica.

Como a humanidade historicamente já possui uma evolução do conhecimento científico organizado em currículo, então bastaria colocarmos à disposição dos estudantes o que o sistema vigente no poder quer que seja 'ensinado'. Segundo Freire, é preciso que o professor, desde o princípio da sua formação, “[...] assumindo-se como sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é *transferir conhecimento*, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção.” (FREIRE, 2011b, p. 24, itálicos do autor).

O professor que obedece as vontades e orientações de sistemas políticos, cumprindo as ordens impostas por secretarias de educação, compostas por cargos comissionados que muitas vezes, não têm como propósito trabalhar a favor da educação em suas bases, mas sim, defender os interesses econômicos da elite e manipular a população para manter-se no poder, sem questionar tais orientações desse sistema, definitivamente não é um professor reflexivo e sim um professor alienado e irresponsável.

Tratando da consciência docente enquanto classe, percebe-se que a união dos professores em torno do pensamento reflexivo coletivo em defesa da educação pública e por melhores condições de trabalho e o trabalho individualizado do professor, tratado como um técnico e cobrado pelo sistema político educacional no qual esse profissional está inserido, por meio de resultados medidos por índices resultantes de avaliações em massa predeterminadas pelos governos em vários níveis, estão em conflito.

O clima político e ideológico que vivemos no Brasil atualmente não é de forma alguma favorável à educação e muito menos ao professor, contumaz a formação do pensamento crítico, pensar reflexivamente tornou-se sinônimo de oposição ao

governo. Percebe-se claramente no atual projeto de políticas públicas educacionais de nível federal, que também se reflete nos estados que possuem governos alinhados com essas políticas, um autoritarismo que enfraquece as instituições públicas, a autonomia docente e, conseqüentemente, a formação de um ambiente escolar democrático.

O profissional reflexivo torna-se um obstáculo, é preciso controlá-lo. Essas políticas sem dúvida atrapalham a construção e manutenção da democracia. A liberdade do trabalho docente está sedimentada na liberdade de pensamento do professor, direito inegociável para a formação de uma sociedade crítica igualmente livre. Segundo Giroux:

[...] existe uma necessidade de defender as escolas como instituições essenciais para a manutenção e desenvolvimento de uma democracia crítica, e também para a defesa dos professores como intelectuais transformadores que combinam a reflexão e prática acadêmica a serviço da educação dos estudantes para que sejam cidadãos reflexivos e ativos. (GIROUX, 1997, p. 158)

Para entender a ausência do pensamento reflexivo ou de uma prática democrática nas ações pedagógicas, talvez, seria relevante sugerir novas perguntas. Nós professores passamos por quais experiências escolares? Quais práticas escolares, familiares e sociais nós experimentamos como democráticas? Tais perguntas foram feitas apenas para estimular o pensamento do leitor acerca de tais indagações. Não temos a pretensão de respondê-las.

A tese deweyana de que o sujeito democrático se forma em um ambiente democrático, pode nos ajudar a entender a necessidade de professores reflexivos e ao mesmo tempo as conseqüências trágicas da ausência desse profissional para o desenvolvimento educacional e social.

É frágil colocar a responsabilidade do sucesso ou insucesso do desenvolvimento do hábito do pensamento reflexivo e da construção da consciência crítica, como responsabilidade única e pessoal do docente, como se ele fosse autodidata na construção da sua consciência e no desenvolvimento do pensamento reflexivo, descartando a sua formação em um meio social e cultural construído historicamente e, sem ter a oportunidade de vivenciar e experimentar situações que possibilitassem a esse professor tornar-se crítico, consciente e livre.

O professor é um ser social formado na imersão em um ambiente de dominação do poder instaurado historicamente. Tal dominação oprime e silencia as

peças, este é um ponto importante destacado por Giroux, a dominação “[...] também se encontra no modo como os oprimidos internalizam e assim participam de sua própria opressão[...]” (GIROUX, 1997, p. 151).

Como livrar-se dessa alienação sem ajuda? “Ironicamente, as formas emancipadoras de conhecimento podem ser recusadas por aqueles que mais poderiam se beneficiar com as mesmas” (GIROUX, 1997, p. 152). Tornar-se livre não é apenas estar livre fisicamente, mas também estar livre intelectualmente.

Os cursos de formação docente e os programas de formação continuada para professores, devem ser constantes. Pois, são ambientes que oportunizam a experiência do pensamento reflexivo, principalmente quando incentivam a pesquisa.

Segundo Freire (2011), a pesquisa faz parte do processo de formação do profissional reflexivo. Por meio da pesquisa o professor reflexivo estuda, indaga, constata, intervém, se educa e educa. “Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses quefazer se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando.” (FREIRE, 2011b, p. 30). Para ensinar é preciso um espírito de curiosidade, um pensar crítico sobre a realidade, uma vontade de libertar-se e a conscientização de que é possível mudar a realidade.

É preciso que a formação de professores vá além de uma instrução técnica ora voltada para os conhecimentos específicos de sua área, ora voltada para os conhecimentos pedagógicos, porém apartadas do exercício do pensar reflexivo, crítico e desconfiado.

Trata-se de um exercício de pensamento constante para descobrir as relações sociais reais que estão por detrás dos fatos, dos textos do livro didático, dos discursos, das formas de exercício do poder. É preciso desenvolver o hábito de desconfiar das aparências, desconfiar da normalidade das coisas, porque os fatos, os acontecimentos, a vida do dia-a-dia estão carregados de significados sociais que não são ‘normais’; neles estão envolvidos interesses sociais diversos e muitas vezes antagônicos dos grupos e classes sociais.

Freire (2011), diz que um professor memorizador não pode tornar-se um professor crítico, uma vez que o primeiro debruça-se sobre textos intelectuais, gastando sua energia para estudá-los e repeti-los de forma fiel a seus alunos, sem reflexão crítica sobre o assunto, sem fazer uma relação dessas leituras com os acontecimentos da vida real, “[...] é muito mais um repetidor cadenciado de frases e de ideias inertes do que um desafiador [...]” (FREIRE, 2011b, p. 29). Enquanto o

segundo é capaz de pensar certo e de ensinar seus alunos a pensarem certo, de conhecerem o mundo, compreender que fazem parte dele e que podem mudá-lo.

3.4 A postura reflexiva de professores pesquisadores

Professores reflexivos e posturas reflexivas no ambiente escolar são condições necessárias para uma educação que garanta o mais pleno desenvolvimento das capacidades pessoais, ou seja, uma educação democrática e, conseqüentemente, para romper com as estruturas sociais desiguais que permanecem no Brasil desde o período colonial. “O educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão.” (FREIRE, 2011b, p 28). Cabe ao educador ensinar a seus alunos o desenvolvimento da capacidade crítica, criativa e ativa na transformação do mundo. A aprender quais são seus direitos, se são justos e lutar por eles. O Educador democrático é crítico, é criativo e resiste a práticas não democráticas.

O professor reflexivo planeja sua prática por meio da análise das suas experiências anteriores, a fim de melhorá-las, está sempre questionando, investigando, vendo problemas e possibilidades de sua prática pedagógica. “A reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática[...]” (FREIRE, 2011b, p. 24). Ser um educador reflexivo é deixar a sala de aula livre de pensamentos conservadores e estáticos.

O processo educativo se constitui como um processo experimental, crítico e criativo. Assim, o professor reflexivo é aquele que prepara e produz a experiência de aprendizagem levando seus alunos a participarem do processo educacional de forma responsável, livre e democrática.

O professor instiga o estudante a problematizar, a levantar hipóteses e a testar essas hipóteses. As respostas são alcançadas e não dadas ou apresentadas prontas. Chega-se às conclusões na medida em que a reflexão cria formas de agir. Os professores reflexivos não seguem manuais prontos às cegas, eles questionam os próprios manuais; eles experimentam, não aceitam as coisas prontas e acabadas procurando chegar às suas próprias conclusões e fazendo dessas conclusões meios para agir e para novas investigações, novos fins. Pois, segundo Dewey “[...] o processo educativo não tem outro fim além de si mesmo: ele é seu próprio fim [...] o

processo educativo é um contínuo reorganizar, reconstruir, transformar”. (DEWEY, 1979b, p. 53).

O professor reflexivo elabora suas práticas pedagógicas pensando a escola como um espaço de discussão com os alunos, proporcionando experiências que agucem o pensamento e quebrem as rotinas mecânicas e irrefletidas. O professor reflexivo é aquele que elabora suas atividades de forma experimental; é aquele que experimenta e leva seus alunos a experimentarem também. Permite que os alunos construam com liberdade sua intelectualidade e compreensão da realidade por meio do exercício do pensamento reflexivo, percebendo a causa e consequência de suas ações e interação com o meio, examinando e experimentando o mundo a sua volta.

Uma das funções sociais do professor, segundo Dewey, é proporcionar as condições objetivas para que os estudantes alcancem o desenvolvimento, isto é, proporcionar um ambiente adequado para que as experiências dos estudantes sejam frutíferas.

A escola deve ser entendida como uma instituição promotora do pensamento reflexivo, se ela falha nessa proposta compromete a intenção democrática da sociedade. O fazer reflexivo cotidiano do professor contribui significativamente para a educação democrática. Se o professor não reflete sobre suas práticas dificilmente levará seus alunos a refletir sobre elas também.

O professor reflexivo guia suas atividades não de forma engessada, mas com flexibilidade respeitando as necessidades dos alunos, colaborando para que os conteúdos tomem significados dentro das práticas pedagógicas, e cuidando para que esses conteúdos não estejam separados da ética, contribuindo para formação moral dos seus educandos.

A interação do aluno com o meio se dá então de forma consciente e concatenada, permitindo a compreensão dos valores, as causas das ações e suas consequências, desta maneira formando alunos que façam uso do pensamento reflexivo como instrumento para seu crescimento.

Um professor reflexivo trata seus alunos com respeito, dá importância para os seus problemas, age de forma crítica e conscientizadora, educa não apenas por meio de palavras, mas também por meio das suas ações. Deste modo, Freire (2011) defende que precisamos aprender a “pensar certo”:

Pensar certo, [...], demanda profundidade e não superficialidades na compreensão e na interpretação dos fatos. Supõe a disponibilidade à revisão dos achados, reconhece não apenas a possibilidade de mudar de opção, de apreciação, mas o direito de fazê-lo. (FREIRE, 2011b, p. 35).

Um professor que pensa certo também tem o dever ético de agir certo, seu discurso não pode caminhar separadamente das suas ações. “Do ponto de vista do pensar certo não é possível mudar e fazer de conta que não mudou. É que todo pensar certo é radicalmente coerente.” (FREIRE, 2011b, p. 35).

O professor carrega sobre si a responsabilidade de ser exemplo de honestidade, integridade e caráter. “Quem pensa certo está cansado de saber que as palavras a que falta a corporeidade do exemplo pouco ou quase nada valem. Pensar certo é fazer certo.” (FREIRE, 2011b, p. 35). Suas atitudes são influenciadoras de caráter.

Professores reflexivos não têm ações contrárias ao seu discurso, pois sabem que essa dualidade causa confusão na formação moral de seus alunos, uma vez que são autoridades dentro do ambiente escolar e responsáveis pela orientação do comportamento social deles.

Quando um professor trabalha em sala de aula conteúdos que falam do aquecimento global, da preservação do meio ambiente, da importância da preservação das várias espécies da fauna e da flora, da conservação das nascentes dos rios, dos riscos à saúde dos usos de agrotóxicos, da coleta de lixo seletiva, da importância de uma alimentação saudável, do tratamento preventivo de doenças, do respeito para com os colegas independente da raça, religião, gênero ou classe social, ele não pode desrespeitar essas regras. “O professor que realmente ensina, quer dizer, que trabalha os conteúdos no quadro da rigorosidade do pensar certo, nega, como falsa, a fórmula farisaica do ‘faça o que mando e não o que faço.’” (FREIRE, 2011b, p. 35). Ou então falar da importância da luta da classe trabalhadora e não participar da luta por direitos da sua própria classe, ou pior ainda fazer duras críticas aos colegas que participam.

A intenção do professor deve ser a de tornar o aluno um aprendiz reflexivo, pois a proposta de educação reflexiva, de uma educação que promova o pensar reflexivo é uma proposta de educação para a autonomia. Para Dewey, a criação de um sujeito autônomo se faz dando autonomia para esse sujeito pensar e agir diante dos problemas, provocando o pensar, proporcionando momentos de reflexão sobre

as próprias ações, tornando-o consciente daquilo que o leva a agir e das consequências de suas ações.

Respondendo à pergunta: É o fazer reflexivo do professor condição para uma educação democrática? Dewey nos diria que sim. O contexto educacional e social brasileiro também nos ajuda a responder essa pergunta com um sim. Pois, se a democracia se constitui apenas como uma ideologia e não como prática diária social, sobretudo dos professores, isso explicaria a dificuldade de alargamento da proposta democrática brasileira que se arrasta em passos muito modestos.

Quanto menos se experimenta a democracia, mas ela se enfraquece enquanto direcionamento social. A vivência escolar democrática ajuda na formação do sujeito democrático. Se o professor não se guia por práticas democráticas, por práticas em prol da coletividade e pela cooperação do bem comum, sua ideologia é vã e utópica, pois não alcança suas ações. O pensar reflexivo é uma forma inteligente de resolver os problemas resultantes dos conflitos que aparecem no cotidiano da vida social.

O professor que reflete sobre suas experiências com a finalidade de melhorar sua prática pedagógica é sim capaz de proporcionar uma educação de qualidade num ambiente democrático, pois rompe com as ações mecânicas e irrefletidas que permeiam o cotidiano das pessoas, sobretudo nesse contexto de manipulação pelos meios de comunicação de massa no qual o Brasil se encontra.

O professor reflexivo é um profissional que, com sua experiência, pode oferecer contribuições importantes para o aperfeiçoamento dos processos educativos formais, por isso o próprio processo de formação docente não pode apresentar desconexão ou descontinuidade entre teoria e prática. O pensamento reflexivo nesse contexto não estará desvinculado da prática docente.

O professor se desenvolve e desenvolve seus alunos por meio da reflexão da sua própria prática pedagógica e do diálogo, ambos interagem, evoluem e criam uma consciência coletiva de respeito mútuo. “Separada da prática, a teoria é puro verbalismo inoperante; desvinculada da teoria, a prática é ativismo cego. Por isso mesmo é que não há práxis autêntica fora da unidade dialética ação reflexão, prática teoria.” (FREIRE, 2011a, p. 220).

Somente por meio de um saber dialético, dentro de uma perspectiva democrática é que o professor reflexivo é bem-sucedido na sua missão de ensinar:

Por isso é que a reflexão só é legítima quando nos remete sempre, [...] ao concreto, cujos fatos busca esclarecer, tornando assim possível nossa ação mais eficiente sobre eles. Iluminando uma ação exercida ou exercendo-se, a reflexão verdadeira clarifica, ao mesmo tempo, a futura ação na qual se testa e que, por sua vez, se deve dar uma nova reflexão. (FREIRE, 2011a, p 221).

O professor que pensa certo valoriza os saberes que seus alunos trazem para a escola, principalmente os de classe social mais baixa, discriminados por viverem em periferias ou em locais afastados do interior e por trazerem consigo, uma cultura e uma vivência construídas historicamente em seu ambiente social, que muitas vezes destoam dos saberes e culturas da elite, considerados por ela como os saberes válidos, e que por serem melhores segundo sua visão limitada ao seu ambiente, são os que devem prevalecer sobre os discriminados. O preconceito e a arrogância não pertencem a prática pedagógica reflexiva, o docente que pensa certo tem consciência de que não sabe tudo:

Para que, porém, disse ontem e repito agora, quem sabe possa ensinar a quem não sabe é preciso que, primeiro, quem sabe saiba que não sabe tudo; segundo, que, quem não sabe, saiba que não ignora tudo. Sem esse saber dialético em torno do saber e da ignorância é impossível a quem sabe, numa perspectiva progressista, democrática, ensinar a quem não sabe. (FREIRE, 2016, p. 256)

A inteligência, o conhecimento e o amadurecimento intelectual nunca se encontram acabados no processo de desenvolvimento humano. Retomando a importância da continuidade deweyana, sempre teremos uma experiência passada que nos conduzirá a uma nova experiência futura. Tanto alunos quanto professores aprendem mutuamente.

3.5 Escola reflexiva e transformação social

No último ponto dessa sessão falaremos da escola reflexiva como uma instituição formadora de cidadãos críticos, conscientes e participativos da criação de um projeto de sociedade verdadeiramente livre e democrática. Até chegarmos a este tema percorremos um importante caminho em nossa pesquisa

Não seria possível falar de escola reflexiva, sem antes passar pelos conceitos deweyano de pensamento reflexivo, estabelecimento das crenças, criação de hábitos, experiência reflexiva, professor reflexivo e democracia. Porque a escola reflexiva é

formada por todos esses conceitos. Todos estão subsumidos nessa instituição educacional, que deveria ser a menina dos olhos da sociedade.

Segundo Alarcão a escola reflexiva é:

[...] uma 'organização (escolar) que continuamente se pensa a si própria, na sua missão social e na sua organização, e se confronta com o desenrolar da sua atividade em um processo heurístico simultaneamente avaliativo e formativo.' [...] só a escola que se interroga sobre si própria se transformará em uma instituição autônoma e responsável, autonomizante e educadora. Somente essa escola mudará o seu rosto. (ALARCÃO, 2001, p. 25)

A escola será democrática de fato quando, a comunidade escolar participar ativamente da construção de ambiente. A começar pela formulação de um currículo flexível com a participação de todos. A escola deve dar importância a projetos educacionais focados em grandes problemas sociais. A escola democrática é a escola da inclusão, da participação e não da exclusão e do autoritarismo.

De acordo com Alarcão (2001):

A escola tem que ser a escola do sim e do não, onde a prevenção deve afastar a necessidade de repressão, onde o espírito de colaboração deve evitar as guerras de poder ou competitividade mal-entendida, onde a crítica franca e construtiva evita o silêncio roedor ou a apatia empobrecedora e entorpecedora. (ALARCÃO, 2001, p. 17)

O ambiente escolar democrático proporciona uma educação dialógica, jamais uma educação do silêncio. Quando a metodologia adotada é problematizadora ela possibilita a inserção social, onde os estudantes sintam-se acolhidos e tenham liberdade para se expressar. A “[...] escola, para além de lugar e contexto, é também um tempo. Um tempo que passa para não mais voltar. Um tempo que não pode ser desperdiçado. Tempo de quê? De curiosidade a ser desenvolvida e não estiolada.” (ALARCÃO, 2001, p. 18). A escola não pode passar pela vida do aluno ela deve ser a vida do estudante.

A escola democrática é um espaço de formação humana, não são apenas os estudantes que aprendem a pensar, os professores também se tornam reflexivos por meio do contínuo processo de formação profissional. “A escola tem a função de preparar cidadãos, mas não pode ser pensada apenas como tempo de preparação para a vida. Ela é a própria vida, um local de vivência da cidadania.” (ALARCÃO, 2001, p.18). É na escola que aprendemos a aprender. Onde experienciamos a nossa liberdade intelectual.

Quando a escola garante por meio de um currículo flexível, o diálogo, a experiência refletida, a fixação das crenças, a livre expressão das artes, o respeito mútuo e o fim dos dualismos, ela será uma escola democrática e formará uma sociedade democrática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para entendermos, com a ajuda de John Dewey, a natureza do pensamento na formação do professor reflexivo e na construção de uma educação democrática, foi-nos necessário buscar o conceito de pensamento reflexivo, experiência e democracia nas obras desse autor. Encontramos na filosofia deweyana uma base conceitual importante para pensar a relação entre a democracia e a educação. A partir de então, entendemos os principais prejuízos que os dualismos podem trazer para a sociedade.

Analisamos o conceito de pensamento reflexivo na abordagem dos conteúdos e notamos quão importante é sua função social na educação. Por meio da obra *Como Pensamos* (1910), na qual Dewey discute as características que definem diferentes tipos de pensamento humano, entendemos a origem do pensamento reflexivo e que ele é a melhor forma de se pensar. Por meio desse tipo de pensamento somos capazes de combater as falsas crenças.

O ato de pensar deve prender-se ao aumento da eficiência das nossas ações, na melhoria da nossa capacidade de aprendermos sobre nós mesmos e sobre o mundo em que vivemos. “Pensar é o método de se aprender inteligentemente, de aprender aquilo que utiliza e recompensa o espírito.” (DEWEY, 1979b, p.167). De acordo com Dewey, este tipo de pensamento nos tira dos hábitos rotineiros e nos livra do cominho autoritário sob o julgo de outros.

Para Dewey, o pensamento reflexivo é um importante instrumento para combater as falsas crenças. Combater as falsas crenças requer interesse e vontade de colocar em dúvida dogmas que nos são impostos por uma autoridade. Nem sempre a autoridade que nos impõem, ou que nos repassa determinada crença faz isso de maneira consciente. Um exemplo disso é a família, normalmente ela é a responsável pela fixação das nossas primeiras crenças, que muitas vezes são continuidade de costumes familiares.

No começo de nossas vidas, é a família que nos apresenta os valores sociais, uma religião e escolhe o tipo de educação que teremos em nossa casa. Essa escolha é feita quase sempre sem pensamento crítico, apenas guiada por experiências cotidianas vividas por nossos pais e avós. Mais tarde, ela nos leva para a escola, e aí teremos contado com a diversidade, nosso convívio social será ampliado. Os colegas podem ter famílias com formação diferente das nossas, religião diferente da que

conhecemos, ou ainda não ter nenhuma religião. Ou seja, haverá inúmeras possibilidades de convivência.

Por esses motivos a escola deve possibilitar atividades que desenvolvam o pensamento reflexivo e a democracia, dando possibilidade para os estudantes exercerem sua capacidade de pensar, crescer (evoluir). Nossa evolução requer um rompimento com as falsas crenças e a formação de novas crenças, mais consistentes que as primeiras.

Segundo Dewey, o instrumento necessário para nossa emancipação humana é o pensamento reflexivo. Ao discutirmos as fases do pensamento reflexivo em nossa pesquisa, verificamos que elas possibilitam a resolução de problemas e nos permite fazermos escolhas mais conscientes verificando suas consequências futuras.

Dewey classifica o pensamento reflexivo em cinco fases, as quais foram apresentadas no primeiro capítulo da nossa pesquisa e que são flexíveis, podendo ser alternadas ou fundidas. As fases do pensar reflexivo, para o autor são as seguintes: problema ou situação indeterminada seguido da sugestão; intelectualização; hipótese ou ideia guia; raciocínio e verificação da hipótese pela ação. Tais fases quando aplicadas a experiência a torna valiosa.

O hábito de pensar reflexivamente dá condições ao indivíduo de exercer a liberdade, por isso, a educação tem esse papel emancipador. A liberdade é o poder de agir independentemente sem amarras externas. De acordo com Dewey, a “[...] verdadeira liberdade, em suma, é intelectual; reside no *poder do pensamento* exercitado, na capacidade de ‘virar as coisas ao avesso’, de examiná-las deliberadamente [...]” (DEWEY, 1979a, p. 96, itálicos do autor). Ser livre é pensar e se expressar livremente, porque desta forma a pessoa tem consciência de agir de forma intencionalizada.

O principal agente para essa educação emancipadora e com experiências valiosas e refletidas é o professor. Não há na escola uma educação emancipadora e democrática sem um professor reflexivo. Para isso, é necessário que o docente tenha uma formação profissional que possibilite o desenvolvimento desse pensamento.

A formação profissional do professor não acontece apenas no curso de licenciatura, ela é um processo contínuo, assim como o pensar requer contínuo trabalho e aperfeiçoamento. Porém, tal formação não depende apenas do interesse e da vontade dele. É necessário que o poder político participe dessa ação por meio da

proposição de programas de formação continuada para professores e viabilizem essa participação.

Desse modo, é importante que nesses programas sejam oferecidas ao educador as condições para estudar, por meio de licenças remuneradas por um determinado período para que esse profissional participe de programas de pós-graduação. Tais programas serão uma alternativa desde que proporcionem a experiência reflexiva.

O que vemos atualmente é um descaso da classe política com relação a educação em todos os sentidos. A formação continuada de professores, principalmente no estado do Paraná, se restringe a poucas horas de cursos online oferecidos pela Secretaria Estadual de Educação. E se algum professor desejar cursar uma especialização, mestrado ou doutorado ele tem que arcar com todos os custos que essa formação acarretará. Além de, “arrumar” tempo por conta própria para estudar, pesquisar e produzir sua monografia, dissertação e tese.

Nesse sentido o que percebermos são professores adoecendo por conta da sobrecarga de trabalho, mal remuneração e pela pressão social. Tornou-se comum encontrar profissionais fazendo tratamentos de saúde com medicamentos para ansiedade e depressão. Apesar de todas essas dificuldades e trabalhando até sessenta horas semanais muitos docentes continuam estudando. Pensar reflexivamente é uma alternativa para enfrentar esses problemas, é compreendendo que o pensar reflexivo tem um caráter de prática democrática.

Os professores que desenvolveram o hábito do pensamento reflexivo, que fazem de suas salas de aula um ambiente favorável às experiências educativas e garantem uma educação democrática, são os mesmos que lutam contra as dificuldades elencadas anteriormente para o exercício da sua profissão. Pensar experimentalmente tornou-se uma urgência em nossas escolas.

O professor reflexivo é aquele que garante uma experiência de aprendizagem democrática, e que, por meio, da condução do processo da experiência refletida, tendo em vista a formação de alunos sensíveis e críticos aos problemas sociais, contribui de maneira consciente para formação de uma sociedade democrática e consequentemente para um mundo melhor.

Para alcançarmos um modo de vida verdadeiramente democrático, precisamos passar por um processo de construção e reconstrução, que nos envolva em experiências democráticas. E que elas aconteçam em todas as instituições na

quais agimos. Todas elas sejam família, igreja, escola ou qualquer outra instituição que estivermos inseridos, devem em suas relações consolidar a democracia como princípio básico para a evolução da humanidade e construção de um mundo civilizado.

Dewey afirma que, uma sociedade é democrática na proporção em que prepara todos os seus membros de forma igualitária a compartilharem os bens dessa sociedade. Essa sociedade deve adotar um tipo de educação que possibilite aos indivíduos criar o interesse pelas direções para a qual ela caminha, bem como criar hábitos que permitam mudanças sociais responsáveis.

Um sistema político democrático é o que oferece por meio da educação as melhores possibilidades para o desenvolvimento da inteligência, uma vez que ele torna possível a cooperação e a experiência investigativa de forma livre e comunicada.

Os sistemas autoritários afastam qualquer possibilidade de atividade reflexiva, pois têm consciência do perigo que o pensamento reflexivo traz para sua manutenção. Por isso tais sistemas perseguem e censuram a livre imprensa, as artes e os meios de comunicação, para impedir o livre pensar. Dewey diz que, onde “[...] quer que impere a autoridade, o pensamento é tido como duvidoso e nocivo.” (DEWEY, 1958, p. 144).

O método da inteligência é o método que alimenta a democracia, portanto, é importante que ele esteja presente na educação para formar o hábito de pensar reflexivamente, possibilitando uma contínua evolução, em um contexto de liberdade, ética e democracia.

Um século depois de John Dewey ter escrito *Como Pensamos e Democracia e educação*, percebemos que seus ensinamentos ainda nos são tão importantes. Mesmo com o passar do tempo os conceitos definidos pelo filósofo continuam atuais. Ainda temos muito trabalho a ser feito no campo da educação para que possamos desenvolver o hábito de uma vida democrática. Que tenhamos a mesma fé na inteligência humana e na construção de uma vida digna e democrática como Dewey.

Podemos concluir que existe uma mútua relação entre pensamento reflexivo e democracia. Não é possível um modo de vida democrático sem o desenvolvimento do hábito de pensar reflexivamente as soluções para os problemas comuns. Quando aprendemos a pensar reflexivamente, por meio de nossas experiências, caminhamos para nossa liberdade intelectual e fortalecemos o ambiente democrático. Pensar reflexivamente nos ajuda a fazer escolhas e analisar as consequências dessas

escolhas. O modo de vida democrático está pautado em escolhas que favoreçam o bem estar de toda sociedade.

O pensamento reflexivo é um bem necessário ao aprimoramento da vida social. É urgente a necessidade de fortalecer os estudos sobre democracia por meio da prática de questionamento, reflexão e diálogo, que são exigências da própria democracia. Por sua vez, a democracia como um modo de vida reflexivo é necessária para o contínuo aperfeiçoamento do próprio pensar, da liberdade e do estado de direito, bem como das concepções que orientam a vida social, inclusive a própria democracia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALARCÃO, Isabel. **Escola Reflexiva e nova racionalidade**. Porto Alegre, Artmed Editora, 2001.

AMARAL, Maria N. C. P. **Dewey: filosofia e experiência democrática**. São Paulo, Editora Perspectiva, 2007

CORREA, Rômulo F; MATOS, José C. **O crescimento da liberdade como fim educacional: a relação entre o pensamento reflexivo e a liberdade na obra de John Dewey**. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Brasília, v. 95, n. 239, p. 11-30, jan./abr. 2014.

CUNHA, Marcus V. **John Dewey: a utopia democrática**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

_____. **John Dewey: uma filosofia para educadores em sala de aula**. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 2011.

CUNHA, Fátima Ferreira Pinto. **Filosofia da Escola Nova: do ato político ao ato pedagógico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Niterói: Universidade Federal Fluminense/EDUFF/PROED, 1986.

DEWEY, John. **A filosofia em reconstrução**. Tradução: Eugênio Marcondes Rocha. São Paulo: Editora Nacional, 1958

_____. **Teoria da vida moral**. Tradução: Leonidas Gontijo de Carvalho. São Paulo: IBRASA, 1964.

_____. **Liberalismo, liberdade e cultura**. Tradução: Anísio Teixeira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1970.

_____. **Experiência e Educação**. Tradução: Anísio Teixeira. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1971.

_____. **Como pensamos**. Trad. Haydée Camargo Campos. 3 ed. São Paulo; Editora Nacional, 1979a.

_____. **Democracia e Educação: introdução à filosofia da educação**. Trad. Godofredo Rangel e Anísio Teixeira. 4. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979b.

_____. **Experiência e Natureza**. Tradução: Murilo Otávio Rodrigues Paes Leme. In: Os Pensadores, São Paulo: Abril Cultural, 1980 p. 1 – 52

_____. **Lógica – A teoria da investigação**. Tradução: Murilo Otávio Rodrigues Paes Leme. In: Os Pensadores, São Paulo: Abril Cultural, 1980 p. 53 – 86.

_____. **A democracia é radical (1937)**. In: DEWEY, J. **Democracia Cooperativa**:

Escritos Políticos Escolhidos de John Dewey (1927-1939). (Orgs. Augusto de Franco e Thamy Pogrebinski) Porto Alegre: Edipucrs, 2008a. p. 125-128.

_____. **Democracia criativa: a tarefa diante de nós (1939)** In: DEWEY, J. **Democracia Cooperativa: Escritos Políticos Escolhidos de John Dewey (1927-1939).** (Orgs. Augusto de Franco e Thamy Pogrebinski) Porto Alegre: Edipucrs, 2008b. p. 131-138.

FRANCO, Augusto de. Introdução. In: DEWEY, J. **Democracia Cooperativa: Escritos Políticos Escolhidos de John Dewey (1927-1939).** (Org: Augusto Franco e Thamy Pogrebinski) Porto Alegre: Edipucrs, 2008.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação uma introdução ao pensamento de Paulo Freire.** 3 ed. São Paulo: Editora Moraes, 1980.

_____. **Pedagogia do oprimido,** 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos.** 14 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011a.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 43 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011b.

_____. **Educação e atualidade brasileira.** 3 ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2003.

_____. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido,** 23 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor.** 13 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011c.

GARCÍA, Carlos M. **A formação de professores: Novas perspectivas baseadas na investigação sobre o pensamento do professor.** In: Nóvoa. António (org.) **Os professores e a sua formação.** 3 ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, Ltda, 1997.

GHIRALDELLI JR, Paulo. **Filosofia da Educação.** 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

GIROUX, Henry A. **Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MURARO, Darcísio Natal. **A dimensão do pensar na atividade escolar: o pensamento reflexivo como princípio educativo em John Dewey.** 1998. 174 f. Dissertação (Mestrado em História e Filosofia da Educação) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1998.

_____. **Democracia e educação: aproximações entre as ideias de John Dewey e Paulo Freire.** COGNITIO-ESTUDOS: Revista Eletrônica de Filosofia, ISSN 1809-8428, São Paulo: CEP/PUC-SP, vol. 9, nº. 2, julho-dezembro, p. 205-226, 2012. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/pragmatismo>>. Acesso em: 03 jun. 2019.

_____. **Relações entre a Filosofia e a Educação de John Dewey e de Paulo Freire.** Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 38, n. 3, p. 813-829, jul./set. 2013. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/edu_realidade> Acesso em: 08 ago. 2019.

NASCIMENTO, Edna M. M. do. **Pragmatismo: uma filosofia da ação: de Dewey a Paulo Freire.** Teresina: EDUFPI, 2017.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica e filosofia.** São Paulo: Cultrix, 1975.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica.** São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.

PIMENTA, Selma Garrido. GHEDIN, Evandro. (Orgs.) **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito.** 4. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

SANTOS, Marcela Calixto dos. **A Experiência na relação professor-aluno: Uma análise reflexiva a partir das contribuições teóricas de John Dewey e Paulo Freire.** 2014. 226 fls. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2014.

TRINDADE, Cristhiane Coutheux. **Ética e educação em John Dewey: o homem comum e a imaginação moral na sociedade democrática.** 2014. 165 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.